



FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES- FICS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

DIANE ELIAS ROCHA E SILVA

GRAMÁTICA E DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA: DINÂMICA DA FALA NO
CONTEXTO EDUCACIONAL DE UMA ESCOLA DO AMAZONAS

Assunção- Paraguai
2023

DIANE ELIAS ROCHA E SILVA

**GRAMÁTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: DINÂMICA DA FALA NO
CONTEXTO EDUCACIONAL DE UMA ESCOLA DO AMAZONAS**

Tese apresentada à Facultad Interamericana de Ciencias Sociales como requisito para obtenção do Título de Doutor em ... Ciências da Educação.

Prof.(a) Orientador(a): _____

Linha de pesquisa: _____

**Assunção- Paraguai
2023**

Folha de Aprovação

Será inserida após a defesa da Tese

Ficha Catalográfica

Essa ficha será providenciada pela equipe da faculdade

DECISÃO ACERTADA:

Consagro esse trabalho de doutorado a excelente instituição FICS, pois não poderia ter feito melhor escolha para essa tão sonhada realização. Pelo mensurável amparo estrutural e educacional delegado ao meu crescimento acadêmico e pessoal, pois minha tese só se conclui hoje devido as múltiplas oportunidades concedidas a mim. Por isso, reafirmo que, opção mais acertada não haveria de fazer fora do seu abraço.

Ser aluna doutoranda dessa instituição foi um privilegio extraordinário a começar pelos encontros com professores espetaculares com quem muito aprendi em sala de aula, até os contatos com os colegas na troca e compartilhamento de experiências.

Também não poderia jamais deixar de mencionar com gratidão o coordenador e o gestor pelos direcionamentos dados com a melhor precisão dos momentos percorridos. A generosa sapiência do meu orientador até o desenvolvimento da tese, a saber, que tudo isso reflete o prazer e a gratidão por tantas realizações das quais nunca serei capaz de pagar.

Impulso que essa vivência generosa seja de todos que buscam por uma formação tão plena como essa constituída nessa instituição.

Muitíssimo obrigada!

Agradecimentos

Primordialmente ao Altíssimo Deus, que por sua infinita misericórdia me deu sabedoria, força e saúde para ir ao encontro de minha tão sonhada realização profissional e pessoal. Sem Ele, eu nada poderia ter alcançado.

Ao meu querido esposo pelo incentivo, amor, dedicação e paciência nos momentos de minha total dedicação a essa especialização.

Aos meus amados pais Elizabeth e Valdeci, pelo apoio em qualquer circunstância da minha trajetória.

Aos meus quatro irmãos Fabio, Vlademes, Eduardo e João Neto, pela paciência, amor e incentivo nas minhas decisões.

Aos meus estimáveis amigos Diego Antônio de S. Pereira, Luana Laurent, pelo acompanhamento e torcida para que eu não desistisse de prosseguir rumo a minha conquista.

Aos participantes da pesquisa, ao gestor e toda equipe pedagógica que com precisão muito contribuíram para que esse trabalho se realizasse.

Também, a Instituição de ensino junto ao corpo docente que, com imenso carinho, muito somou na minha trajetória pela busca do conhecimento.

Ao professor orientador Dr. Marciel Costa, por sua grande dedicação, sabedoria e paciência para que eu chegasse rumo a conclusão desse sonho.

Por fim, gratidão a todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que esse sonho se tornasse real.

"Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento E de alerteza. E de amor."

Clarice Lispector

RESUMO

O Brasil possui uma riqueza de diversidade linguística e regionalismos, porém, também enfrenta desafios relacionados ao preconceito linguístico, que pode criar barreiras significativas na comunicação entre as pessoas. As variações linguísticas do território nos seus diversos locais precisam ser trabalhadas na escola para enfrentar o preconceito linguístico. Este estudo analisou através de uma pesquisa etnográfica como o episódio da variação linguística é abordado em salas de aula com estudantes do Ensino Médio do Instituto Educacional Guido-IEG. Para isso utilizou-se de pesquisas bibliográficas e análise de campo, através de aplicação de um questionário com os estudantes da educação básica nas séries finais. Os resultados demonstraram que a variedade linguística ainda é pouco estudada, ainda tendo predominância do ensino gramatical, considerando uma norma correta. Os alunos pouco percebem o preconceito linguístico e apesar de achar difícil o ensino de língua portuguesa na escola considera esse conhecimento importante. Por fim, é importante a formação dos professores no ensino de linguística, para que o ensino seja trabalhado de forma mais contextualizada e a gramática tomando novo lugar nessa forma de aprender como já está sendo norteado pela Base Nacional Curricular Comum para o ensino da Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Variações linguísticas. Etnografia. Educação básica.

ABSTRACT

Brazil boasts a wealth of linguistic diversity and regionalisms, but it also faces challenges related to linguistic prejudice, which can create significant barriers in communication among people. The linguistic variations of the territory in its different locations need to be worked on at school to combat linguistic prejudice. This study analyzed, through ethnographic research, how the episode of linguistic variation is addressed in classrooms with high school students at the Instituto Educacional Guido-IEG. For this, bibliographical research and field analysis were used, through the application of a questionnaire with basic education students in the final grades. The results demonstrated that linguistic variety is still little studied, with grammatical teaching still predominating, considering it a correct norm. Students have little awareness of linguistic prejudice and despite finding teaching Portuguese at school difficult, they consider this knowledge important. Finally, it is important to train teachers in teaching linguistics, so that teaching is worked in a more contextualized way and grammar takes a new place in this way of learning, as is already being guided by the Common National Curricular Base for teaching the Portuguese Language.

Keywords: Linguistic variations. Ethnography. Basic education.

RESUMEN

Brasil posee una riqueza de diversidad lingüística y regionalismos, pero también enfrenta desafíos relacionados con el prejuicio lingüístico, que puede crear barreras significativas en la comunicación entre las personas.. Es necesario trabajar en la escuela las variaciones lingüísticas del territorio en sus diferentes localizaciones para combatir los prejuicios lingüísticos. Este estudio analizó, a través de una investigación etnográfica, cómo se aborda el episodio de variación lingüística en las aulas de estudiantes de secundaria del Instituto Educacional Guido-IEG. Para ello se utilizó investigación bibliográfica y análisis de campo, mediante la aplicación de un cuestionario con estudiantes de educación básica de los últimos grados. Los resultados demostraron que la variedad lingüística aún es poco estudiada, predominando aún la enseñanza gramatical, considerándola una norma correcta. Los estudiantes tienen poca conciencia de los prejuicios lingüísticos y, a pesar de que les resulta difícil enseñar portugués en la escuela, consideran importante este conocimiento. Finalmente, es importante capacitar a los docentes en la enseñanza de la lingüística, para que la enseñanza se trabaje de manera más contextualizada y la gramática ocupe un nuevo lugar en esta forma de aprendizaje, como ya lo orienta la Base Curricular Nacional Común para la enseñanza de la Lengua Portuguesa.

Palabras clave: Variaciones lingüísticas. Etnografía. Educación básica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fases da análise de conteúdo	54
Figura 2 - Os quatro eixos de integração das práticas de linguagem na BNCC	96

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Perfil estudantil dos entrevistados	57
GRÁFICO 2 – Estudantes envergonhados	75
GRÁFICO 3 – Estudantes e Preconceito Linguístico	86
GRÁFICO 4 - Estudantes que já sofreram preconceito linguístico	89

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PPP – Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 MEMORIAL	15
1.2 PROBLEMA	177
1.3 PROBLEMATIZAÇÃO	177
1.4 JUSTIFICATIVA.....	17
1.5 OBJETIVOS.....	199
1.5.1 Objetivo Geral.....	199
1.5.2 Objetivo Específico	199
2 MARCO TEÓRICO	20
2.1 MARCO EPISTEMIOLÓGICO	211
2.2 MARCO REFERENCIAL.....	266
2.2.1 Gramática e gramáticas: Quantas existem?.....	266
2.2.2 Língua e Possibilidades de expressão	32
2.2.3 Normas, identidades e contatos.....	355
2.2.4 Ensino de língua portuguesa na Educação Básica	387
2.3 MARCO CONCEITUAL	409
2.3.1 Gramática Tradicional: Normativa	40
2.3.2 Gramática e ensino	41
3 MARCO METODOLÓGICO	465
3.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	509
3.2 CONTEXTO, PARTICIPANTES E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	51
3.3 PLANO DE TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	53
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	576
4.1 O CONCEITO DE LÍNGUA PORTUGUESA	598
4.2 A LÍNGUA PADRÃO ENSINADA NA ESCOLA	64
4.3 A LÍNGUA PADRÃO ENSINADA NA ESCOLA X A LÍNGUA FALADA.....	70
4.4 CONHECIMENTO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	85
4.5 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA ..	88
4.6 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA COM BASE NA BNCC .	94
4.7 BNCC e o componente de língua portuguesa.	97
5 CONCLUSÃO.....	103
6 RECOMENDAÇÕES	106
REFERENCIAS	11412

1 INTRODUÇÃO

A Língua portuguesa do Brasil é bem variada, cada região, estado e povoado tem sua variante da língua. Por isso, é sempre conflitante a norma padrão com a norma falada, e os falantes da língua sofrem preconceito por parte de outros cidadãos de localidades ou estados diferentes por pessoas com um grau de escolaridade mais alto que por ter acesso a norma culta faz uso de um português mais culto.

Esse preconceito tem suas raízes na cultura de considerar que existe somente uma forma correta. Como professores não poderíamos ser limitantes na fala dos nossos alunos, nem os discriminar por se expressarem nos seus mais diversos jeitos de falar, e nem mesmo perpetuar a ideia de que existe um jeito único de falar, a norma culta.

O Brasil é um país rico em variação linguística e regionalismos, mas também vivemos em uma sociedade preconceituosa, onde a maneira de falar pode criar uma imensa barreira entre as pessoas. Este estudo nasceu desse conflito entre a norma culta e a dinâmica da fala em sala de aula, e as indagações de uma professora que busca se melhorar para refletir na sua forma de ensinar e aprender com os estudantes.

Por essa razão, buscou-se conhecer um pouco da gramática no contexto da sala de aula, as variedades linguísticas e as relações que podem sustentar a presença da gramática como ferramenta de ensino da norma culta e a dinâmica da fala, com suas diversidades na sala de aula.

Para responder as questões, a pesquisadora foi de encontro aos estudantes da língua portuguesa na escola. Um grupo de estudantes da educação básica, das três séries finais do ensino médio, responderam um questionário que foi utilizado para entender essa dinâmica do uso da gramática, norma culta e diversidade linguística e o preconceito linguístico em sala de aula.

Apesar do reconhecimento das variações linguísticas do Brasil em seus diversos contextos sociais, é preciso entender mais a importância dessa variação linguística para o estudo da língua portuguesa, abordar as diferenças entre a norma culta e a língua falada, assim com conhecimento e empoderamento da língua falada vencer as barreiras colocadas pelo preconceito linguístico.

Por fim verificou-se que ensinar gramática na escola, desenvolvendo a estratégia de ensino a partir de uma variedade formal da língua, afastando de uma abordagem tradicional de ensino é um dos caminhos para um ensino mais reflexivo da língua e empoderamento dos falantes em qualquer contexto social.

1.1 MEMORIAL

Apresento este memorial com objetivo de metodizar as lembranças da minha trajetória acadêmica desde a temporada de estudante da Graduação, passando pela especialização, Pós-graduação: (Mestrado e Doutorado) até a fase de amadurecimento profissional em escolas públicas estaduais e municipais de município de Linhares – ES – Brasil.

A propósito desse caráter ‘metódico oficial’, trata-se também de um interessante e exigente esforço de “puxar pela memória”, oportunidade para se fazer uma reflexão registrada, mesmo que sistematicamente, da minha trajetória profissional voltada para o Magistério, apontando aspectos que na minha visão são os mais significativos, ao passo que, ao mesmo tempo que se mostra o movimento de memórias anteriores, também se relaciona com o tempo presente e visa o futuro.

Quando criança, ainda no ensino fundamental, tinha um sonho de tornar-me educadora, e não por acaso, em sala de aula já assessorava professores no auxílio àqueles alunos com dificuldade de aprendizagem, ali, já me chamavam de professorinha.

No término do EM, estava decidida a passar no vestibular para cursar Letras, isso em 2002. Assim o fiz. Vivenciei momentos únicos de aprendizado, congratulações, como também complexidades de vários tipos inclusive financeiras. No quarto período de curso tive minha primeira experiência em sala de aula, fui

contratada para cobrir licença na disciplina de Língua inglesa em escolas municipais e estaduais. Daí em diante foi assim minha história acadêmica cursando a graduação e ganhando experiências com pequenos contratos na educação. Formei-me em Licenciatura Plena: Letras Português/Inglês em dezembro de 2006.

Sequentemente no ano de 2007, fiz minha primeira especialização – Pós-graduação em ‘Língua Portuguesa e literatura brasileira’ na Universidade “Sagrado Coração de Jesus” - UNILINHARES, atualmente registrada como ‘Faculdade Pitágoras de Linhares, ES.’ Nesse mesmo ano assinei contrato de vaga para lecionar na disciplina de língua portuguesa na ‘EEEM Emir de Macedo Gomes.’

Entre cursinhos de formação e especialização não parei fiz a segunda Pós em Artes na Educação pelo Instituto Superior de Educação e Cultura "Ulysses Boyd" de Vitória ES. (2009). Anos depois a terceira Pós-graduação em Ciências da Educação - Faculdade de Pinheiros - ES, (2017). E nesse meio tempo construindo carreira com aulas em diversas escolas de Linhares.

Contudo, ainda faltava algo, o tão sonhado Mestrado. Então ingressei no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, “Mestrado em Ciências da Educação” pela Universidad Del Sol - UNADES, Asunción, Paraguai em 2018 e conclui em 2020. A experiência foi incrível! Culturas novas conhecimento exemplar a altura, nada a desejar.

Daí então percebi, que minha história acadêmica poderia ser completa. Vinculei - me no mais que sonhado curso de ‘Doutorado’ em Ciências da Educação (*Stricto Sensu*) pela Faculdade Interamericana de Ciências Sociales, em Asunción no Paraguai. E nesse âmbito, não há palavras que mencione a satisfação imensa que regozijo com essa realização.

Na trajetória para alcançar o doutorado, o objeto de estudo foi o ensino de gramática num contexto da diversidade linguística e na dinâmica da fala em sala de aula, ou seja, dentro do contexto educacional.

Acredito que as pesquisas desenvolvidas no interior da escola podem trazer algumas respostas para as dificuldades que encontramos de trazer o campo teórico

de estudo para a prática de sala de aula e fazer as transformações necessárias para a educação no espaço escolar contribuindo para a formação dos estudantes.

1.2 PROBLEMA

Em meio a pluralidade da língua materna, quais são os impactos positivos e negativos na sociedade advindos da diversidade linguística mediante o estudo de língua portuguesa na educação básica?

1.3 PROBLEMATIZAÇÃO

1. Em um país tão pluralizado linguisticamente é possível discriminar as diversas linguagens no ensino de língua portuguesa?
2. Quais os métodos devem ser usados para trabalhar a variedade linguística sem prejuízo da língua padrão?
3. É possível o ensino da gramática se dissociar da variedade linguística?

1.4 JUSTIFICATIVA

A Língua Portuguesa Formal Padrão é o meio oficial para que todos os lugares que a tenham como língua possam se comunicar. Porém, as particularidades regionais que a Língua Portuguesa sofre em um determinado local precisam ser bem observadas, pois fazem parte do contexto educacional, histórico, linguístico e cultural do Brasil.

Por ter tanta diversidade o Brasil se tornou um país acolhedor e por isso, até hoje pessoas de vários povos migram para o Brasil. A junção de tantas línguas deu ao Português diferentes sotaques, gírias, expressões usadas particularmente focadas em algumas regiões. Num país de imenso território, essas particularidades estão distribuídas com mais força em algumas regiões.

A ampla diversidade linguística abre espaço para a possibilidade de discriminação ao aprender gramática, conforme destacado por Melo et al. (2012). Ensinar a importância de respeitar as diversas variantes linguísticas e seus falantes equivale a transmitir a ideia de que a língua não se limita às regras gramaticais. Isso envolve a desconstrução de preconceitos que são estigmatizados na sociedade e abordar as inúmeras diferenças linguísticas, que podem ser baseadas em dialetos, classe social, idade, gênero, variação histórica, variações de registro e também a necessidade de os falantes utilizarem diferentes variantes linguísticas dependendo dos contextos situacionais em que se encontram.

No contexto prático é possível perceber como o conceito/noção de língua varia de acordo com a perspectiva teórica em questão. Na Gramática Tradicional, observamos uma visão delimitada, “fechada”, que considera a língua como um sistema de regras que permite a realização da linguagem. Em contrapartida a linguagem espontânea diversificada do indivíduo como um ponto negativo mediante a língua portuguesa padrão.

Para evitar e/ou solucionar esses problemas sociais ocasionados pela ignorância em relação às variedades linguísticas e relevância da gramática é necessária uma análise do cenário atual do estudo do português padrão e diversidade linguística no dia-a-dia das pessoas e, principalmente, na escola que é uma das bases de formação do ser humano. A partir de tal análise, dar-se-á a proposição de ações para sanar os problemas advindos dos conflitos entre variedades linguísticas e a língua portuguesa padrão.

Pautado, em tais argumentos, este trabalho propõe expor qual é a real relevância que a diversidade linguística em contraponto à gramática se instaura dentro de uma sociedade, todavia viciosa e quais são seus impactos na aprendizagem do aluno. Apesar do tratamento a variação linguística estar presente nos estudos desde o final da década de 1990, muitos professores ainda não sabem como lidar com o tema em sala de aula, por isso a busca do estudo sobre o tema.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo Geral

Analisar através de uma pesquisa etnográfica como o episódio da variação linguística é abordado em salas de aula com estudantes do Ensino Médio do Instituto Educacional Guido.

1.5.2 Objetivo Específico

1. Verificar como as variedades linguísticas podem ser trabalhadas de acordo com as situações comunicativas que o sujeito está envolvido.
2. Verificar como o ensino da gramática pode incluir a variedade linguística.
3. Compreender como o ensino de Língua portuguesa pode ser respaldado por diferentes situações interativas de uso e reflexão sobre a língua.
4. Compreender como os estudantes do Ensino Médio da Educação Básica utilizam os registros formais da variedade linguística valorizada socialmente.
5. Compreender com os estudantes do Ensino Médio da Educação Básica fazem a adequação dos registros formais nas situações comunicativas que participam.

2 MARCO TEÓRICO

Ensinar gramática na escola, desenvolvendo a estratégia de ensino a partir de uma variedade formal da língua, afastando de uma abordagem tradicional de ensino é um dos caminhos para um ensino mais reflexivo da língua. É necessário o ensino da escrita e da leitura e principalmente apresentar a língua como variável.

De acordo com Borges Neto (2012), a história do *ensino de português* confunde-se com o *ensino de gramática do português*, esse último considerado tradicionalmente a parte privilegiada da disciplina de Língua portuguesa. A mudança no ensino com foco na gramática, para o ensino com foco em atividades ligadas ao texto, teve seu início na década de 1970, ainda hoje, porém, é a gramática tradicional que continua sendo privilegiada no contexto do ensino da língua materna.

A importância de ensinar a gramática de forma reflexiva, afastando a abordagem tradicional de ensino que historicamente se assentou nos bancos escolares pode na educação básica melhorar as práticas de ensino da língua materna.

Neves (2000) dispõe que o ensinar eficientemente a língua e, portanto, a gramática é, acima de tudo, propiciar e conduzir uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem. Olhar a variedade formal da língua de forma reflexiva, afastando do modelo tradicional de ensino é repensar o ensino de gramática na escola, e como desenvolver esse ensino na Educação Básica.

As pessoas falam e exercem a linguagem, usam a língua para produzir sentidos, e por isso o estudo da gramática, é um dos caminhos de examinar o exercício da linguagem, o uso da língua e por assim dizer a fala, Neves (2000).

É interessante o repensar do ensino de gramática na escola, e principalmente com um olhar para a Educação Básica, a partir da possibilidade de olhar a variedade formal da língua, da linguagem como uma forma também de expressão cultural e do uso da fala.

Diferentes concepções teórico-metodológicas orientam e sustentam as práticas de ensino da língua materna na escola. Realizar uma reflexão sobre o ensino da língua e como esse ensino se relaciona com o ensino de gramática para o aluno, discutindo o ensino de gramática na Educação Básica é objeto desse estudo, avaliar a pertinência de um ensino da língua portuguesa sem considerar as suas variações linguísticas nas nossas regiões diversas.

2.1 MARCO EPISTEMIOLÓGICO

É fundamental esclarecer os paradigmas que permeiam a origem do conhecimento, pois isso pode contribuir significativamente para uma abordagem crítica no campo da pedagogia. Isso implica planejar ações educativas embasadas em sólidos fundamentos teóricos. É crucial compreender as bases do conhecimento e como ele pode ser transmitido. Portanto, os educadores devem estar cientes do pensamento epistemológico que orienta sua prática pedagógica.

Esses paradigmas epistemológicos influenciam as abordagens educacionais, especialmente no ensino da língua materna na escola. Conceitos fundamentais, como ensino, aprendizagem e educação, desempenham um papel importante na compreensão desses paradigmas. Embora a teoria do conhecimento seja vasta, podemos estabelecer uma conexão limitada entre o conhecimento e o ensino da língua.

As principais teorias sobre a origem e a aquisição do conhecimento tiveram suas raízes estabelecidas na Grécia Clássica. No entanto, as teorias psicológicas da aprendizagem, desenvolvidas ao longo do século XX, também têm suas bases nas tradições filosóficas (POZO, 2002).

Conforme observado por Abbagnano (2007) e Delval (2007), uma das características mais distintas dos seres humanos reside na habilidade de aprender, permitindo-lhes criar representações adequadas da realidade para assegurar sua sobrevivência e desenvolvimento. Azevedo e Rowell (2010, p. 216) descrevem a aprendizagem como "a construção reflexiva do conhecimento". Portanto, a

aprendizagem é vista como um processo contínuo intimamente relacionado ao desenvolvimento do conhecimento.

A *aprendizagem* não pode ser vista meramente como acumulação de conteúdos, em um enfoque interacionista pode se dizer que a *aprendizagem* ocorre mediante sucessivas interações entre o indivíduo e o objeto do conhecimento. Seguindo essa linha de pensamento, Azevedo e Rowell (2010) dispõe que o aprender é um processo, através do qual o sujeito, interagindo com o objeto de conhecimento e com outros sujeitos, constitui, transforma e reconstitui os saberes, resultante da articulação entre o conhecimento e o desenvolvimento de habilidades.

Segundo a perspectiva de Pozo (2004):

Estamos imersos na chamada sociedade da aprendizagem, na qual a capacidade de aprender não é apenas uma demanda social, mas também um requisito fundamental para o desenvolvimento pessoal, cultural e econômico dos cidadãos. Nesse contexto, o valor cada vez mais crescente do conhecimento e sua gestão social devem reconhecer a importância dos processos de aprendizagem e aquisição de conhecimento.

No âmbito da aprendizagem da língua materna, de acordo com Azevedo (2010, p. 203), a aprendizagem pode ser interpretada como o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais, tais como observação, comparação, classificação, análise, síntese, interpretação, crítica e explicação, que são fundamentais para o acesso e compreensão de informações, a formação de conceitos, a construção de conhecimento e a aquisição de sabedoria.

Aqui o termo desenvolvimento como esclarece a autora tem o sentido de processo de se desenvolver, algo contínuo e em aprimoramento constante.

A aprendizagem muitas vezes está ligada a outro processo igualmente complexo: o ensino. Embora a aprendizagem e o ensino sejam processos distintos, o ensino é conduzido de forma a facilitar e ampliar a aprendizagem. Ele surge da necessidade de organizar e disseminar o conhecimento, tornando-o acessível a um público mais amplo (AZEVEDO E ROWELL, 2010). O ensino é uma das facetas da educação e é uma parte integral da educação formal, que ocorre no ambiente escolar, é organizada e direcionada, e oficialmente transmitida em sala de aula.

Para Azevedo e Rowell (2010), essa modalidade de educação formal, o ensino é uma espécie de simulação do processo educativo informal, no sentido de tentar antecipar ou reproduzir situações conflitivas na forma de situações de aprendizagem.

Sobre a educação, Abbagnano (2007) diz que educação é o aprendizado de técnicas culturais, de uso, produção e comportamento, mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades. Como o conjunto dessas técnicas se chama cultura, uma sociedade humana não pode sobreviver se sua cultura não é transmitida de geração em geração.

Questões epistemológicas estão embutidas nos processos de aprendizagem, ensino e educação, questões sobre o sujeito que aprende e o objeto do conhecimento. Nos processos de aprendizagem da língua materna a epistemologia também se faz presente. Não nos cabe descrever aqui sobre os paradigmas acerca da origem do conhecimento, mas esses implicam em práticas pedagógicas que permeiam o ensino de língua portuguesa no contexto da educação formal.

Com base em premissas apriorísticas e inatistas, o linguista Noam Chomsky desenvolve sua teoria sobre a aquisição da linguagem, conhecida como Gramática Gerativa. Essa teoria parte do pressuposto fundamental da existência do Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL), inerente à natureza humana.

Chomsky (1965, p. 59) sustenta a abordagem inatista, discordando da ideia de que a linguagem, que ele descreve como uma conquista complexa da humanidade, possa ser resultado de meses ou anos de experiência. Ele afirma que sua teoria, fundamentada no racionalismo, é capaz de explicar a capacidade inata das crianças de produzir e compreender frases originais, o que ele chama de criatividade linguística. O autor argumenta que, como a linguagem é uma criação humana, naturalmente incorpora em sua estrutura interna uma capacidade intrínseca à espécie humana.

No senso comum, existe muito mais difundido o paradigma empirista, em que considera o conhecimento como sendo algo que vêm de fora, sendo passivamente apreendido pelo sujeito.

Esse paradigma, conhecido como empirismo, foi estabelecido por Locke (1632-1704), que, embora admirasse o pensamento cartesiano, criticou as ideias inatas de Descartes e revisitou a proposta de Aristóteles. Locke reestruturou a teoria aristotélica que postulava a origem do conhecimento na experiência sensorial. Segundo a compreensão de Aristóteles, por meio da associação das imagens proporcionadas pelos sentidos, é possível formar ideias (POZO, 2002).

No empirismo o destaque está no objeto do conhecimento, diferente da concepção do paradigma inativista, cuja tendência é a de privilegiar o sujeito na relação sujeito e o objeto do conhecimento. Nessa concepção de abordagem empírica o sujeito aprendem, interiorizam e generaliza o conhecimento pela prática, repetição e memorização.

De acordo com Pozo (2002), aprender nessa perspectiva é reproduzir a informação recebida, mesmo que esse conhecimento vindo de fora possa ser, em um momento posterior, “absorvido” pelo sujeito e transformado em conteúdo mental para então tornar-se o reflexo da organização do ambiente em que se encontra. Nesse modelo o meio tem grande relevância na transmissão dos conhecimentos, o conhecimento é uma descoberta do que já existe, e não construído pelo sujeito.

Muitas práticas pedagógicas ainda hoje são prescindidas de um modelo empirista, em especial aquelas de transmissão de conhecimento aos alunos, que de acordo com Derval (2007), serão aprendidos e modificados pelos sujeitos da aprendizagem.

No contexto escolar, os pressupostos do empirismo estão presente no ensino da língua materna. Em muitas aulas de Língua Portuguesa, os aprendizes realizam atividades que prioriza a memorização das regras gramaticais, o treino de estruturas isoladas, treino de práticas enunciativas e exercícios repetitivos de regras e estruturas. Ao focar em uma prática baseada em uma aprendizagem associativa, mesmo que repetitiva contribui para o desenvolvimento de habilidades significativas para a aprendizagem da língua.

Um paradigma interacionista, que pode superar as duas tendências anteriormente discutidas, a inativista e a empirista, que enfatizam o sujeito e o objeto

do conhecimento, respectivamente, e que muitas vezes, se tornam ineficazes para resolver o problema a respeito do ato de aprender, pode ser uma alternativa.

As raízes filosóficas do paradigma interacionista estão frequentemente associadas à Teoria do Conhecimento de Kant, formulada no século XVIII. Especificamente, relacionam-se às categorias fundamentais, como tempo, espaço e causalidade, que, de acordo com Kant, são impostas à realidade e não derivadas dela, sendo baseadas em conceitos a priori (POZO, 2002). Diversos teóricos que abordaram o ensino e a aprendizagem sob uma perspectiva interacionista (ou construtivista) incluem Vigotski, Piaget, Paulo Freire, Gramsci e Wallon.

Os paradigmas epistemológicos sejam inatistas, empirista ou interacionista, estão na base de teorias psicológicas da aprendizagem e influenciam o fazer pedagógico dos educadores nas diversas áreas do conhecimento, incluindo os professores de língua portuguesa.

A maioria dos professores de língua portuguesa ao pensar educação prefere um paradigma de aprendizagem interacionista, porque nessa concepção a um favorecimento da aprendizagem significativa da língua escrita, não há como prescindir de alguns pressupostos inatistas e empiristas para os estudos acerca da linguagem, essenciais para a fundamentação teórica dos professores.

De acordo com Saussure (2006) o apriorismo fundamenta uma concepção de que a linguagem é uma capacidade inata do ser humano. O empirismo pressupõe, o entendimento de que as habilidades de leitura e produção discursiva precisam ser aprimoradas por meio de atividades que proporcionem a prática recorrente. O importante é estar atento as manifestações dos diferentes paradigmas no ensino de língua portuguesa.

2. 2 MARCO REFERENCIAL

Falar sobre o ensino de gramática na escola, é preciso pensar seriamente no assunto. Contrariando pensamento geral de que o ensino de gramática não é prioridade, principalmente para os alunos da educação básica que não é suficientemente letrado e ainda não dominou razoavelmente a norma culta. Em tempos de novos conhecimentos devemos refletir sobre as diversas correntes de pensamento sobre seu ensino.

Paradoxalmente a permanência na escola da concepção de que a gramática tradicional é a privilegiada no contexto de ensino da língua materna. Segundo Borges Neto (2012), essa permanência esta diretamente associada ao material de apoio do qual dispõe o professor: livros didáticos e dicionários eram invariavelmente elaborados e construídos à luz da perspectiva teórico-metodológica da gramática tradicional.

Para Borges Neto (2013) o ensino de gramática deve ter o seu lugar na escola. A língua é uma importante faceta do mundo que nos rodeia, é objeto de curiosidade dos alunos, não havendo razão para que os estudos gramaticais sejam excluídos do ensino de português, no entanto o ensino da gramática deve ser adequado ao seu devido lugar e orientado para os fins a que se destinam.

Em outras palavras, a exploração da gramática, com uma abordagem diferente daquela tradicionalmente vista nas escolas, desempenha um papel importante no aprimoramento das habilidades de leitura e escrita. O que merece reflexão é o propósito subjacente ao ensino da gramática na educação formal.

2.2.1 Gramática e gramáticas: Quantas existem?

O estudo da gramática foi desde sempre parte importante das aulas de Língua Portuguesa desde os anos iniciais da educação até as etapas finais da trajetória escolar do estudante. A discussão sobre se devemos ou não ensinar gramática na escola é uma questão mal colocada, porque queiramos ou não os alunos já estudam gramática na escola.

A presença marcante de conteúdos gramaticais, no entanto, não garante que o aluno tenha reais oportunidades de analisar de maneira objetiva e científica a estrutura gramatical da língua portuguesa. O que muitas vezes acontece, é o aluno receber nas aulas uma adaptação da visão de língua apresentada nos manuais de gramática.

Mesmo com a modernização dos materiais e contextualizados para o ensino, a gramática que estudam é a tradicional e já tradicionalmente naturalizada na escola, dessa forma não é possível, para a maioria dos alunos, a construção reflexiva sobre os princípios que organizam o sistema linguístico.

Irané Antunes (2007, p. 25-26), na busca de responder o questionamento: “Que gramáticas existem?”

- a) das regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em: “a gramática do português”; nessa acepção, a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de “gramática internalizada”;
- b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: “a gramática da norma culta”, por exemplo;
- c) de uma perspectiva de estudo, como em: “a gramática gerativa”, “a gramática estruturalista”, “a gramática funcionalista”; ou uma tendência histórica de abordagem, como em: “a gramática tradicional”, por exemplo;
- d) de uma disciplina escolar, como em: “aulas de gramática”;
- e) de um livro, como em: “a *Gramática* de Celso Cunha”. (Grifo da autora).

Nesse universo de significados, de várias acepções de gramática e a que se referem, vamos aproximar o estudo da gramática daquela que mais se adequa ao ensino da linguagem no contexto atual. Como o ensino de gramática pode ser desenvolvido na Educação Básica, qual abordagem metodológica pode contribuir para o ensino da língua materna.

É interessante desmistificar a ideia de uma gramática única. Que só existe uma concepção de gramática, que, muitas concepções de gramática vão além da

gramática normativa. Muitas abordagens como a comportamentalista, a humanista, a cognitivista e a abordagem sociocultural da gramática podem ser discutidas.

No contexto da Educação Básica desde a gramática normativa a gramática cognitivo-funcional pode trazer reflexões relevantes de diversas abordagens metodológicas e concepções de gramáticas que mais se adequam a sociedade atual.

De acordo com Antunes (2007):

Existe dúvida de que deve ensinar a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, embora saiba-se perfeitamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão (Antunes,2007 p.53).

Muitos professores acham que ensinar nomenclatura gramatical é ensinar gramática. Esse ensino, no entanto, vai muito além. O estudo da gramática é importante para que as pessoas atuem de forma eficaz em diversas situações da vida social: falando, lendo e escrevendo textos de diferentes gêneros textuais com o adequado nível de formalidade.

De acordo com Antunes (2007) a língua não pode ser vista como uma questão de certo ou errado, ou um conjunto de palavras que pertencem a uma determinada classe e que se juntam para formar frases. A língua é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, social e histórica, e é por meio dela que se socializa, interage e desenvolve um sentimento de pertencimento a um grupo ou a uma comunidade.

Para Antunes (2007) a língua é constituída de dois elementos: um léxico (o vocabulário da língua) e uma gramática (para construir palavras e sentenças da língua). A língua e a gramática são coisas distintas e que conceber que a língua é constituída de um único elemento, a gramática não é coerente, pois se assim fosse, saber uma língua é saber uma gramática ou saber a gramática é dominar totalmente a língua.

Os elementos que constituí a língua: o léxico e a gramática, para Antunes (2007) estão interrelacionados, tanto que o componente da gramática inclui regras que especificam a criação de novas palavras que vão compor o vocabulário da

língua. O léxico é um conjunto extenso de palavras que constituem as unidades base dos nossos enunciados.

De acordo com Antunes (2007), a língua é, na verdade, um conjunto (léxico e gramática) materializado em textos, permite a atividade significativa das atuações verbais. Sendo assim, não é pertinente considerar que a gramática é a língua, ou que toda a língua é constituída apenas por gramática.

Em sua obra, Antunes (2007) compara os equívocos no ensino de português a pedras no caminho como na poesia de Carlos Drummond de Andrade. Esses equívocos em termos gerais, resultam da falta de conhecimento de base científica em relação a:

a) o que é uma língua; b) como funciona; c) que componentes apresenta; d) que implicações sociais e políticas estão embutidas em seu uso.

Estas observações são amplamente aceitas pela sociedade, já que ela atribui à gramática uma função que vai além de seu papel real. Ao considerar que a missão da escola é facilitar o acesso dos alunos ao domínio da norma culta, a abordagem pedagógica prioriza uma dimensão interacional, discursiva e textual da língua. Isso se deve ao fato de que bons textos em língua culta são encontrados apenas em expressões, tanto faladas quanto escritas.

É importante dar ares de modernidade ao ensino de gramática, de forma a atrair o aluno e desenvolver o gosto por aprender, levar o aluno a compreender e perceber a norma culta, o fato gramatical, o porquê do uso das regras gramaticais e a importância de utilizar a norma culta e não a variante desprestigiada.

As nomenclaturas gramaticais, como o próprio nome sugere, se referem aos nomes atribuídos às unidades gramaticais. Elas funcionam como rótulos ou expressões de identificação, permitindo que leitores e estudantes possam se referir a essas unidades pelo nome quando necessário, embora também revelem uma determinada perspectiva sobre o assunto.

É importante notar que as nomenclaturas gramaticais não consistem em regras e não têm um impacto direto na habilidade de alguém falar ou escrever de maneira mais eficaz.

Estudar as nomenclaturas gramaticais envolve aprender os nomes das classes gramaticais, uma vez que a capacidade de nomear coisas é uma prática que acompanha os seres humanos ao longo da história e não é diferente na linguagem.

No campo dos estudos linguísticos, o conceito de "norma" é empregado para descrever os elementos linguísticos que representam os padrões comuns e habituais de uso em uma comunidade de falantes. Essa norma abrange o conjunto de características linguísticas que definem a maneira convencional pela qual as pessoas de uma determinada comunidade se comunicam, englobando inclusive fenômenos de variação (FARACO, 2008, p.42).

Antunes (2007) dispõem que língua e gramática são coisas distintas e que não devem ser confundidas. A língua tem mais acordes, mais vibrações, uma pauta maior, com mais notas e mais vibrações. A língua nem cabe na gramática. A gramática é menor, mais curta, menos abrangente.

Não seria interessante retornar o procedimento que o ensino da gramática tradicional usa, ensinando esta ou aquela teoria linguística, mas envolver os estudantes num processo de comparação da prática e avaliação da consistência teórica da gramática tradicionalmente estudada. Seria uma revisão da gramática para compreender o que os gramáticos vêm dizendo sobre as línguas humanas.

A BNCC (Base Nacional Curricular Comum), prevista no PNE – Plano Nacional de Educação (2014 – 2024), vem buscando na sua elaboração difundir e consolidar uma concepção para o ensino de português que busca tirar a gramática do centro das práticas escolares, dando ênfase ao domínio da leitura, da escrita e da oralidade. No entanto, os documentos normativos falham em apresentar um direcionamento de como o conhecimento linguístico é construído.

É importante abrir espaço pra reflexões linguísticas e a descrição formal da gramática, como forma de complementar o repertório linguístico do estudante, esclarecer os limites entre o formal e o funcional das palavras, de forma a simplificar

a lista de conceitos gramaticais tradicionalmente ensinadas nas aulas de língua portuguesa, oportunizando os conhecimentos internalizados que todo falante já possui sobre a língua.

Não é um entendimento recente o fato de que o ensino de gramática não deve ser feito como um fim em si mesmo, já que, com exposições descontextualizadas a regras sintáticas e morfológicas, pouco o ajuda o estudante a melhorar sua escrita, sua leitura e sua percepção da língua. Esse estudo compactua com a linha do pesquisador Borges Neto (2013), que dispõem acerca do ensino de gramática, que está deve ser entendida como uma oportunidade de introduzir a visão de língua como objeto de análise científica.

Há por parte dos linguistas, uma preocupação crescente com o ensino de gramática e a proposta de conhecimentos linguísticos básicos para a sala de aula, por isso é interessante que os professores que atuam na educação básica também desenvolvam esse interesse.

Alguns linguistas passam a defender que o ensino da gramática deve assumir um papel auxiliar e funcional, ou seja, estar diretamente relacionado ao desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e oralidade. Essa abordagem propõe um ensino gramatical subordinado e alinhado aos objetivos mais amplos do ensino de língua. Conforme afirmado por Farraco (2017), há consenso entre linguistas e pedagogos quanto à crítica ao método tradicional de ensino gramatical, que se concentra na mera transmissão de nomenclatura e conceitos, seguida por exercícios que envolvem apenas a identificação e classificação de palavras e funções sintáticas.

Os linguistas pelo exposto, considera irrelevante essa gramática tradicional para o aprimoramento das capacidades de leitura e expressão escrita ou oral. Ou seja, contrário ao senso comum e a arraigada crença da escola, que vincula o ensino de gramática a aprendizagem da língua.

A gramática, no entanto, é importante, sempre vai estar presente, é o substrato de toda construção linguística, o professor mesmo se interessando por qualquer uma das teorias da linguística contemporânea não deve prescindir da

linguagem. A gramática tradicional é importante, e como professores devemos conhecê-la, como uma proposta e não como uma doutrina fechada.

A educação tradicional toma a doutrina gramatical como a coisa certa e definitiva e esse é um problema que requer mudanças. Principalmente não transmitir isso para os alunos, para que não seja a língua portuguesa a matéria que nunca aprende. Para quem se dedica ao estudo da língua portuguesa a gramática é também muito importante. A gramática tradicional foi o primeiro sistema completo de análise linguística surgido no ocidente e por isso merece ser conhecido, mas não referenciado como se fosse um sistema perfeito.

A gramática desempenha um papel fundamental na compreensão e na produção de linguagem. Ela serve como alicerce para a construção de estruturas linguísticas coerentes, permitindo a comunicação eficaz. Mesmo quando os professores estão imersos nas teorias da linguística contemporânea, não podem ignorar a importância da gramática. No entanto, é vital considerar a gramática tradicional como uma ferramenta valiosa e não como uma doutrina rígida e definitiva.

A abordagem da educação tradicional muitas vezes enquadra a gramática como a única forma "correta" de usar a língua, o que pode ser problemático. É crucial não transmitir essa visão restrita aos alunos, pois isso pode levar a uma relação de aversão à língua portuguesa. Para aqueles que se dedicam ao estudo da língua, a gramática tradicional ainda tem relevância, uma vez que representa o primeiro sistema abrangente de análise linguística desenvolvido no ocidente. No entanto, é essencial reconhecê-la como um sistema que evoluiu ao longo do tempo e não como um conjunto de regras inflexíveis. Portanto, equilibrar o entendimento da gramática tradicional com as perspectivas mais contemporâneas da linguística é a chave para uma abordagem eficaz no ensino e na aprendizagem da língua.

2.2.2 Língua e Possibilidades de expressão

A linguagem deve ser compreendida como uma ação social e histórica, fortemente influenciada pelo contexto dos participantes na interação. Na primeira década do século XXI, houve um aumento na ênfase dos estudos que promovem o ensino com base nos gêneros textuais. Nesse mesmo período, as tecnologias da

informação passaram a ser recomendadas como ferramentas auxiliares no ensino da língua portuguesa.

Os linguistas advogam pela superação da mera transmissão dos conteúdos da gramática tradicional, em favor de um enfoque reflexivo que explore as numerosas possibilidades expressivas oferecidas pela língua. O objetivo é proporcionar aos alunos as condições necessárias para ampliar seu repertório de recursos expressivos (conforme Franchi, 1988/2006: 31); para “operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções” (FRANCHI, 1988/2006: 63-4). O aluno precisa adequar, utilizando a gramática como ferramenta, o que deseja comunicar aos propósitos da comunicação e da norma sociocultural, atingindo os níveis de desempenho linguístico valorados na sociedade.

Britto (1997) ordenou ideias sobre essa proposta de reconfiguração do ensino de gramática de forma mais abrangente principalmente para um plano textual discursivo, em que a análise linguística vai além do entendimento da gramática aplicada ao texto, como aparece nos livros didáticos, mas sim como uma reflexão gramatical. O objetivo fundamental da análise linguística é a construção de conhecimento e não o reconhecimento de estruturas sem envolvimento com o processo de construção do conhecimento.

Embora o ensino com texto nas aulas de Língua Portuguesa tenha uma função importante, as expressões da língua, através de um estudo de descoberta e comparação (cf. FRANCHI, 2006), esse estudo possui uma função social e também contribui para despertar sobre o estudo científico dos padrões da língua. De acordo com Nicolau de Paula e Carvalho (2022) o grande problema é que os documentos normativos não apresentam direcionamento de como o conhecimento linguístico pode ser explorado para além das sistematizações tradicionais.

Essa busca para uma mudança do ensino de natureza gramatical para uma reflexão sobre o funcionamento da língua em uso, visto que exposições descontextualizadas e regras sintáticas e morfológicas, pouco tem contribuído para a melhoria da escrita, na leitura e na percepção da língua pelo estudante em sala de aula.

Acredita-se que o ensino de gramática, conforme proposto por Borges Neto (2013) é uma oportunidade de apresentar ao aluno uma visão de língua como um objeto de análise. Um conhecimento das teorias linguísticas e uma transposição desses conhecimentos básicos para a sala de aula.

A variação linguística é um fenômeno social, sociológico muito importante que começou a ser teorizado a partir dos anos 60 nos Estados Unidos, e a partir de então a variação vem sendo um tema muito abordado. Seria interessante, que os professores se apropriem de teorias linguísticas para ensinar gramática de forma a visar uma descrição da língua.

No Brasil a pioneira da variação com o ensino, a ponte de criar toda uma área nova sociolinguística educacional a professora Bortoni. Conforme destacado por Bortoni-Ricardo (2000), o ensino da língua na escola é influenciado por considerações culturais, com o objetivo de promover o uso da linguagem valorizada pela sociedade. Isso se reflete na ênfase dada ao ensino da gramática normativa. O ensino de língua deixou de ser visto como uma transmissão única e exclusiva de uma norma padrão, antiquada, e com análise do discurso a linguística textual todos esses movimentos de uma nova postura diante do fenômeno da linguagem tem contribuído para a reformulação do ensino de língua.

Todavia, acredita-se que qualquer que seja a teoria a que o professor for exposto, é possível, a partir dela, extrair fatos básicos, compará-los a fatos conhecidos e usá-los em sala de aula. Com novas abordagens sobre o ensino de gramática, amparando os professores com conhecimentos básicos e úteis para contextualizarem e explorarem os fatos linguísticos.

A linguística como todas as ciências, tem diferentes constructos teóricos de acordo com a área do conhecimento: sociologia, antropologia, psicologia, dentre outros.

A linguística estruturalista é uma corrente de pensamento linguística, que se caracterizava pelo estudo da língua em si mesmo, sem considerar o falante, o contexto histórico, a ideologia, etc. Foi importante, porque trouxe vários progressos e como toda corrente de pensamento também foi superada.

Conforme dispõe Bagno (2015) O ensino da gramática precisa ser separado do que é a gramática tradicional e o que é o seu ensino. Se for para ensinar nomenclatura, análise sintática de frases soltas, é mais interessante não ensinar, porque seria uma perda de tempo e a pessoa não vai aprender nada desses conhecimentos. O ensino da gramática deve ser feito através de textos, escrita, contextualizada, promover o letramento das pessoas, reflexão linguística não somente baseada na gramática tradicional.

A linguística estruturalista desempenhou um papel importante no estudo da linguagem, destacando-se por sua ênfase na análise das estruturas linguísticas internas. No entanto, como toda corrente de pensamento, o estruturalismo linguístico também evoluiu e foi complementado por outras abordagens mais contemporâneas que reconhecem a importância de considerar o falante, o contexto histórico, a ideologia e outros elementos na compreensão da linguagem. Embora tenha contribuído significativamente para a compreensão das estruturas linguísticas, a linguística estruturalista não pode mais ser considerada como a única abordagem válida na linguística.

Ensinar apenas nomenclatura e análise sintática de frases isoladas, de maneira descontextualizada, não é eficaz e pode levar a uma compreensão limitada da língua. Em vez disso, o ensino da gramática deve ser incorporado ao contexto mais amplo de textos, escrita e comunicação. Promover o letramento das pessoas e incentivar a reflexão linguística com base em situações reais de uso da língua é fundamental. Essa abordagem permite que os alunos compreendam a gramática não como um conjunto de regras estáticas, mas como uma ferramenta dinâmica para a comunicação e a expressão eficaz.

2.2.3 Normas, identidades e contatos

Numa sociedade tão diversificada e estratificada como a brasileira, existem múltiplas normas linguísticas em vigor. Para compreender a língua em toda a sua diversidade de usos, é crucial adotar uma abordagem de ensino que não se limite à prescrição de regras para falar e escrever "corretamente". Em vez disso, essa abordagem deve priorizar a adaptação aos contextos específicos de uso da língua.

Por exemplo, podemos observar normas linguísticas particulares em comunidades rurais tradicionais, em comunidades rurais de determinada origem étnica, em grupos jovens urbanos e nas populações das periferias urbanas.

O falante domina mais de uma norma e mudará sua forma de falar variavelmente de acordo com as redes de atividades e relacionamentos em que se situa. O ensino da língua materna precisa ser ressignificado para dar conta dos eixos – oralidade, leitura, escrita e análise linguística – de forma articulada, reflexiva e contextualizada.

Quando os educadores restringem seu ensino exclusivamente à língua considerada padrão, é comum que classifiquem como incorretos quaisquer desvios dessa norma, o que, por sua vez, leva à desvalorização das diversas variantes linguísticas e de seus respectivos falantes. Isso implica em a escola negligenciar as ricas e complexas variações culturais e sociais, pelo menos no que diz respeito ao aspecto linguístico.

A escola não deve subestimar as diferenças sociolinguísticas. É fundamental que os professores, e por meio deles os alunos, estejam cientes de que existem múltiplas maneiras de expressar a mesma ideia. Além disso, é crucial reconhecer que essas formas alternativas atendem a diferentes propósitos de comunicação e são percebidas de maneira distinta pela sociedade. Por exemplo, os alunos que chegam à escola utilizando expressões como "nós chegemu," "abrido" e "ele drome" devem ser respeitados em suas peculiaridades linguísticas e culturais. No entanto, eles também têm o direito inalienável de aprender as variantes linguísticas que desfrutam de maior prestígio na sociedade. Negar-lhes esse conhecimento poderia resultar no fechamento das já estreitas portas da mobilidade social (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15).

O debate sobre a heterogeneidade linguística precisa estar presente no espaço escolar, os professores precisam estar preparados para a partir do conhecimento prévio dos estudantes, construir suas formas de ensinar e aprender.

De acordo com Antunes (2009), há uma forte ligação da escola em estabelecer distinções da linguagem entre o "certo" e o "errado" o que contribui para

manifestações do preconceito linguístico. A escola deve reconhecer que os alunos agregam características profundas da sua cultura, principalmente quando se trata da língua falada.

As normas absorvem características umas das outras, são hibridizadas, não existindo, portanto, uma norma pura. Não é possível estabelecer limites precisos e distinção de cada uma das normas. O aluno precisa adquirir autonomia e facilidades de transitar nos meios sociais fazendo uso da língua materna. O aluno deverá ser capaz de adequar a sua linguagem de acordo com as situações de uso.

A respeito da norma culta, Borges Neto (2013) considera que, embora não seja absolutamente essencial o seu domínio, seu desconhecimento situa o indivíduo fora de determinados grupos e ele dificulta o acesso a diferentes extratos sociais e as suas atividades restritas. O domínio da ortografia é um tipo de conteúdo muito valorizado socialmente. De acordo com Borges Neto (2013) basta ter algum conhecimento histórico dos nossos sistemas de escrita para entender o papel secundário que o domínio da ortografia tem em relação as capacidades intelectuais dos indivíduos.

A habilidade de dominar a ortografia é um exemplo de conteúdo altamente valorizado na sociedade. O autor argumenta que, ao entender a evolução histórica dos sistemas de escrita em nossa língua, torna-se claro que o domínio ortográfico desempenha um papel secundário em relação às capacidades intelectuais dos indivíduos.

É importante reconhecer que o domínio da norma culta, incluindo a ortografia, pode ser um fator facilitador para a comunicação eficaz em contextos formais e profissionais. No entanto, não deve ser considerado como o único critério para avaliar a inteligência ou as habilidades de uma pessoa. Uma educação que valorize tanto o domínio da norma culta quanto o respeito pelas diversas variantes linguísticas é crucial para criar um ambiente inclusivo e equitativo, onde as diferenças linguísticas sejam vistas como enriquecedoras, em vez de limitadoras.

2.2.4 Ensino de língua portuguesa na Educação Básica

No início da década de 1990, Maria Helena de Moura Neves conduziu uma pesquisa com professores de português no Estado de São Paulo, revelando um notável compromisso com o ensino da gramática (cf. NEVES, 1990). Esses professores justificavam esse foco de ensino com a crença amplamente aceita no ambiente escolar e na sociedade de que o conhecimento metalinguístico era essencial para um desempenho linguístico eficaz.

Ao mesmo tempo, esses professores reconheciam que o ensino da gramática tinha pouca eficácia e utilidade prática. No senso comum, ensinar português é frequentemente equacionado a ensinar gramática, e isso persiste como uma forma de legitimar o papel do professor de português.

Na primeira versão da BNCC – Base Nacional Curricular Comum essa visão de que ensinar português é ensinar gramática veio retomar espaço de discussão sobre o a importância da gramática para o ensino de língua portuguesa. Os críticos apontavam a pouca referência da gramática na proposta de ensino para a educação básica. Ou seja, passados anos, nada mudou a respeito da centralidade da gramática no ensino de língua portuguesa na educação brasileira.

A língua é o resultado da necessidade social de se expressar. Individualmente existe formas diferente de se comunicar, cada pessoa possui seu jeito e maneira de se comunicar, com suas particularidades, assim, também existem formas diferentes de realizar o ensino e a aprendizagem.

De acordo com Campos (2016), vive-se em uma era que a “maquina” é substituída pela “informação”, a “fábrica” pelo “*shopping center*”, e o “contato de pessoas” substituído pela “imagem e vídeo”. É importante refletir como essas mudanças podem interferir (ou sobrepor) sobre o potencial cognitivo e humano e as relações entre as pessoas.

Costa (2010), relata que a sociedade pós-moderna trouxe de forma impositiva a necessidade de uma nova organização social, de concepções de espaço e tempo diferenciadas, hábitos de consumo engessadores e padronizados das condutas sociais. A tecnologia vai homogeneizando os indivíduos e perdendo a sua

individualidade. Dessa forma, devemos favorecer que a educação acompanhe todas essas mudanças sociais.

Mesmo com materiais modernos e dados contextualizado, não é possível para a maioria dos estudantes, construir uma reflexão sobre os princípios da língua. Isso porque, grande parte do ensino de gramática se concentra no modelo tradicional focado na literatura. Os Linguística gerativistas, tem aumentado cada vez mais suas contribuições para o Ensino de Língua Portuguesa. Ele vem mostrando que é fundamental trabalhar com a intuição linguística dos alunos, para que eles possam tanto fazer raciocínios metalinguísticos que os levem a reconhecer padrões da língua que usam, quanto aprender mais facilmente a norma padrão (PIRES DE OLIVEIRA; QUAREZEMIN, 2016; PILATI, 2017).

Na concepção de Carvalho e Nicolau de Paula (2021), ao examinarmos as partes de uma palavra, muitas vezes temos dúvidas sobre como segmentá-las. No léxico da língua, há uma grande quantidade de palavras que não são mais transparentes, isto é, palavras em que não se pode delimitar com exatidão a contribuição dos morfemas, as unidades mínimas de significado da língua.

O trabalho de língua não deve dissociar leitura e escrita da análise linguística. De acordo com os documentos oficiais, o que deve ser ensinado, não se restringe à imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar.

É essencial compreender que o ensino da língua não deve separar a leitura e a escrita da análise linguística. Conforme indicado em documentos educacionais oficiais, o que se ensina não deve estar limitado a uma organização clássica de conteúdos na gramática escolar. Em vez disso, o ensino da língua deve abranger uma abordagem integrada que promova a leitura, a escrita e a compreensão das estruturas linguísticas de forma interconectada. Isso permite que os alunos desenvolvam habilidades linguísticas sólidas, bem como a capacidade de aplicar seu conhecimento de forma eficaz na comunicação escrita e oral.

2.3 MARCO CONCEITUAL

A percepção popular sugere que a gramática desempenha simplesmente o papel de transmitir regras e (im)possibilidades linguísticas que devem ser ensinadas ao aluno em ambiente escolar. Posseti (1996, p. 61-62) propõe três conceitos distintos para a gramática: i) um "conjunto de regras que devem ser seguidas"; ii) um "conjunto de regras que são seguidas"; iii) um "conjunto de regras que o falante domina". Por outro lado, Franchi (2006, p. 25), em seu livro "Mas que gramática é essa?", define a gramática como um "conhecimento linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana, em condições apropriadas de natureza social e antropológica". Esse autor sugere que a compreensão da gramática não está necessariamente vinculada ao nível de escolarização do indivíduo, mas sim ao amadurecimento em relação ao significado da língua e de seus princípios.

Assim, a gramática não pode ser vista somente como um conceito único, embora a maioria tenha esse pensamento, de que a gramática é um objeto para circular no ambiente escolar, transmitindo um conjunto de regras que devem ser seguidas.

2.3.1 Gramática Tradicional: Normativa

A concepção atual da gramática, apresentada como um manual que estabelece as regras para uma expressão oral e escrita correta na língua materna, tem suas raízes na Espanha de Isabel Castela, conforme destacado por Dutra (2003, p. 16-17). Entretanto, a discussão sobre essa temática remonta à cultura greco-romana, sendo que Platão foi o pioneiro em refletir sobre questões linguísticas e a língua de maneira abrangente, como apontado por Vieira (2015).

A cultura normativa da língua é instalada nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas pela gramática tradicional. De acordo com Antunes (2007) a gramática surge para representar algumas acepções: conjunto de regras que definem o funcionamento de uma língua, conjunto de normas que regulam o uso da norma culta.

A gramática disciplina o estudo da norma culta, descrevendo normas sobre a língua, no dizer de Borges Neto (2012) a gramática tradicional como uma perspectiva de estudo é uma teoria linguística que teve sua formação completada já na Idade Média e é base do pensamento sobre as línguas humanas em, pelo menos, todo o mundo ocidental.

A gramática tradicional sempre esteve presente na cultura ocidental, ou para descrever a língua ou como forma de reprimir os usos linguísticos informais. Estabelecer uma norma padrão é uma forma de distanciar a língua do senso comum estabelecer o que é “certo” e “errado” no ensino da língua.

Portanto, a gramática tradicional, do ponto de vista de uma teoria linguística, pode ser considerada como "uma teoria das línguas humanas". Como toda teoria, a gramática tradicional possui um conjunto de pressupostos que formam seu núcleo essencial, bem como "modelos de análise" que estabelecem as formas a serem seguidas na análise de línguas particulares ou fenômenos linguísticos específicos pelos gramáticos. Em outras palavras, as análises propostas pelos gramáticos devem aderir a determinadas abordagens de raciocínio e cumprir os pressupostos estabelecidos para serem consideradas análises válidas dentro do contexto teórico da gramática tradicional (BORGES NETO, 2012, p. 89).

Podemos entender, portanto, que o sistema normativo sempre esteve presente nas práticas de perpetuação da linguagem. O ensino tradicional de gramática age desde cedo como um mecanismo de ordem e monitoração linguística, prendendo os alunos a regras e preceitos que nem sempre condizem com a realidade linguística desses que estão na educação básica. Essa forma de ensino, não se constitui, portanto, um movimento que surge na contemporaneidade, ele vem de um conjunto de práticas consolidadas na sala de aula.

Ainda conceituando, a gramática pode ser vista como uma ferramenta de explicitação do conjunto de regras e princípios, permitindo o seu funcionamento, e que fazem parte do saber linguístico de qualquer ser humano normal” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 79). A comunidade escolar, ainda não pensa que é preciso dialogar e questionar sobre o funcionamento da língua nas aulas de LP, e não somente se ater sobre as regras e princípios, os quais os alunos precisam decorar.

Os professores e as teorias linguísticas contemporâneas reconhecem a GT, contudo não rompem com o que é postulado por ela, transformando seu uso em um movimento protocolar, ou seja, mecânico e automático. De acordo com Borges Neto, 2013, p.1, “[...] as teorias linguísticas contemporâneas só conseguem observar os fenômenos linguísticos filtrados pela teoria da gramática tradicional, incorporando, inconscientemente, os resultados consolidados pela teoria tradicional[...]”, assim a GT exerce uma grande influência sobre os estudos da contemporaneidade.

2.3.2 Gramática e ensino

As pessoas se acostumaram a pensar que as aulas de LP não servem para reflexão sobre o funcionamento e a da dinâmica da língua, sendo somente um espaço para transmitir regras, conceitos e corrigir erros.

No ensino tradicional de gramática, o aluno não é visto como um usuário da língua, capaz de perceber as nuances do sistema linguístico. O aluno é um repositório de regras gramaticais e nomenclaturas, e através de uma série de exercícios práticos para fixar e guardar regras. Dessa forma a gramática está pronta e acabada, não sendo passível de modificações.

A língua, no entanto, é mutável, heterogênea, sujeita a inúmeras modificações de acordo com o tempo e os avanços linguísticos. Sendo assim, a GT vai de encontro às pesquisas linguísticas contemporâneas que acreditam que, ao passo das mudanças culturais, sociais e geográficas, seguem as mudanças da língua. A naturalização da GT é uma forma de estreitar e minimizar as discussões sobre a língua. Uma forma de não permitir outros vieses teóricos, uma vez que, “naturalizar

uma teoria é abrir mão de possibilidades outras de construir o objeto teórico” (BORGES NETO, 2013, p. 6).

As aulas de GT não precisam ser banidas do currículo escolar, elas precisam passar por uma reformulação, com outras abordagens que rompam com os postulados da tradição gramatical. Os professores da educação básica também não pecam por ensinar a gramática tradicional, tendo em vista que a cultura normativa faz com que “a primeira coisa que [venha] à cabeça quando se fala em saber português, particularmente em ambiente escolar, é a ideia do domínio de um conjunto de regras categoriais e explícitas que determinam como é que se deve falar e escrever” (BRITTO, 1997, p. 27).

Esse conjunto de normas que idealizam uma língua que deve ser tomada como correta, estreitando os usos da língua, e forçando a necessidade de criar um padrão e ideal linguístico, cria-se uma oportunidade de discriminar os usos linguísticos das pessoas, sobre esse assunto, Dutra (2003, p. 20) vai dizer que “[...] a preocupação normativista –ou seja, a preocupação em erradicar do falar-pátrio todos os vestígios do vernáculo–tem sido a preocupação central desses compêndios gramaticais”.

Por anos, podemos entender, a preocupação das gramáticas foi erradicar os possíveis erros da uma língua e criar padrões para os usos linguísticos. Isso contribuiu, para o surgimento da chamada norma-padrão, como dispõe Faraco (2011) é uma norma *curta*, capaz de encurtar os usos linguísticos e emitir juízos de valor em relação a funcionalidade de uma língua. Essa norma vai prestigiar somente aqueles usos considerados adequados socialmente.

Por muito tempo, ler e escrever bem era, pois, uma manifestação de poder, só tinha sucesso social, as pessoas que conseguiam adequar às regras do português aos seus usos linguísticos. O português de Portugal, foi por muito tempo, considerado o único correto e adequado às situações linguísticas.

A gramática de referência foi responsável por instaurar uma cultura linguística normativa, dito de outra maneira, as gramáticas tradicionais não seguem nenhuma teoria linguística contemporânea, não analisam as manifestações

linguísticas tendo como base o texto e desconsideram alguns usos linguísticos. Sendo assim, permeou por muito tempo, a crença que para falar e escrever bem deve-se não somente a gramática, como também ter como base a escrita literária do passado e de especialistas da língua.

Alguns autores discutem abordagens que podem ser realizadas em sala de aula para barrar a insuficiência do ensino tradicional de gramática. Pensar as falhas provenientes do ensino de GT pode ser considerada uma análise linguística na educação básica. Ocorre, por isso, na educação básica, um movimento de transição, entre as práticas que dão vez à GT e as práticas que promovem a análise linguística, podemos perceber que, “o jeito tradicional de ensinar gramática ainda está presente, ao passo que novas práticas já são encontradas” (MENDONÇA, 2006, p. 200). Isso porque ocorre ainda da influência da tradição gramatical na formação dos docentes bem como dos materiais didáticos, os guias de didáticos consultados para planejar as aulas de português.

É com a mudança nas discussões sobre o ensino de língua materna que inúmeras abordagens surgem para subsidiar as práticas pedagógicas dos professores. As novas abordagens tentam ver a gramática a partir do texto e de suas multifuncionalidades. Uma dessas abordagens, é a prática de análise linguística, que já é bastante discutida não só academicamente, como também na educação básica pelos professores de português.

De acordo com Suassuna (2012) a análise linguística se constitui uma alternativa à prática tradicional de conteúdos gramaticais isolados. Trata-se de análise de textos concretos e uma descrição das diferentes operações de construção textual. Tanto no nível discursivo quanto na questão ortográfica ou mórfica. Partindo desse pressuposto, a prática de análise linguística surge como uma alternativa, entre inúmeras, de alterar a cena do ensino de gramática na educação básica.

Partir da perspectiva da análise linguística é uma oportunidade de fugir dos conteúdos gramaticais isolados, sem conexão e que, não permite que o aluno da educação básica compreenda o sentido de estudar a língua materna na escola. Permite que o aluno abandone a crença de que a aula de português deve ser para

aprender regras e completar exercícios de morfossintática. A análise linguística permite ao professor aliar conteúdos gramaticais aos textos.

A análise linguística permite que o professor trabalhe com as multifuncionalidades de sentido que um texto pode possuir, uma vez que “inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto” (SUASSUNA, 2012, p. 13).

3 MARCO METODOLÓGICO

Precisa-se estabelecer diálogos a favor da mudança na prática pedagógica no ensino de língua portuguesa. Essa mudança na forma de ensinar implica mudar o olhar sobre a gramática. Estudar as práticas de ensino de língua (leitura, escrita e análise linguística) é o foco de muitas pesquisas atualmente. A Linguística Aplicada (LA) é um campo teórico que embasa o ensino da língua nessa perspectiva de leitura, escrita e oralidade. A LA apresenta uma perspectiva teórica em que há uma possibilidade de analisar questões de língua no contexto de ensino e aprendizagem atual.

Do ponto de vista metodológico, essa pesquisa se constitui por meio de uma abordagem híbrida, qualitativo-interpretativista. É uma investigação para compreender e refletir sobre os dados coletados em pesquisa de campo, para contribuir com o ensino de língua portuguesa na atualidade. A pesquisa foi desenvolvida com estudantes da etapa final da Educação Básica.

A pesquisa é de natureza etnográfica (ANDRÉ, 1995), uma vez que enfatiza a participação da pesquisadora no ambiente de observação, utilizando técnicas como a aplicação de questionários e análise de documentos gerados pelos participantes. É importante destacar que esta pesquisa é orientada por uma abordagem de base etnográfica, em oposição à abordagem puramente etnográfica, que requer um maior investimento de tempo e uma inserção mais aprofundada do pesquisador no contexto estudado para ser caracterizada como tal.

O ato de escrever não deve ser encarado como uma justificativa para abordar regras gramaticais; no entanto, o texto produzido pelo aluno pode servir como um diagnóstico do que deve ser desenvolvido nas aulas, direcionando o estudo da língua portuguesa para uma análise linguística mais aprofundada. Desse modo, o texto não apenas inicia, mas também conclui as reflexões sobre a linguagem que o aluno precisa realizar ao longo de seu processo de aprendizagem. Os aspectos linguísticos a serem ensinados devem ser direcionados de acordo com as necessidades dos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos.

Em situação de ensino é interessante propor ao aluno, a análise da língua sem separá-la do seu contexto enunciativo, buscando garantir relações significativas estabelecidas pelos elementos linguísticos analisados no texto.

A pesquisa do tipo qualitativo-etnográfico foi o método de escolha para descrever e interpretar qualitativamente as percepções de um grupo de estudantes da Educação Básica sobre o ensino da língua portuguesa padrão nos espaços escolares. A pesquisa qualitativa abriga diversos tipos de abordagens, métodos e técnicas de pesquisa de diversas áreas do conhecimento, cada qual com a sua cultura de pesquisa e linguagem específica, sendo o método, portanto, também aplicado a Linguística Aplicada.

Apesar das particularidades de cada uma dessas áreas, o que define o paradigma qualitativo em todas elas são as características ontológicas - a maneira como essas disciplinas percebem o mundo -, as características epistemológicas - como elaboram teorias sobre o mundo social - e as características metodológicas - como observam e interpretam a realidade social. Do ponto de vista epistemológico (a teoria do conhecimento), o paradigma qualitativo adota uma perspectiva relativista, considerando que a realidade é construída na interação dos eventos sócio-históricos. Na visão metodológica, os pesquisadores procuram compreender a realidade a partir da perspectiva dos participantes, com ênfase na observação e na entrevista como métodos privilegiados de pesquisa.

Em relação ao termo "pesquisa naturalística", frequentemente usado como sinônimo de pesquisa qualitativa ou etnográfica, Watson-Gegeo (1988) esclarece que esse termo se refere à forma como a observação é conduzida, ou seja, no ambiente real onde os participantes da pesquisa estão envolvidos - em casa, na escola, no trabalho, etc. - com o mínimo de interferência externa, evitando qualquer tratamento que possa distorcer o contexto ou a situação durante a coleta de dados.

A pesquisa etnográfica, por sua vez, difere das outras formas de pesquisa qualitativa pela abordagem holística que adota para estudar um fenômeno. Ela examina o fenômeno em relação à cultura e ao comportamento dos participantes no contexto social como um todo, em vez de se concentrar em apenas um de seus muitos aspectos (ERICKSON, 1984). Nesse contexto, cultura refere-se ao

conhecimento ou às práticas necessárias para serem aceitas como membros de uma determinada comunidade (MENHAN, 1981). A pesquisa etnográfica se caracteriza pelo estudo do comportamento das pessoas em um determinado contexto de interação social, com ênfase na interpretação cultural desse comportamento (WATSON-GECEO, 1988).

A pesquisa qualitativa etnográfica pode ser conduzida por meio de registros de campo, que podem ser notas condensadas ou expandidas, em formato de diários ou relatórios. Esses registros servem como base para uma posterior descrição e interpretação do que ocorre no contexto. O pesquisador-observador pode empregar diversos instrumentos de pesquisa, como entrevistas, questionários, diários mantidos pelos participantes, gravações em vídeo e áudio, documentos e relatos dos próprios participantes, a fim de examinar o objeto de estudo sob diferentes perspectivas.

Outra característica essencial da pesquisa etnográfica é a sua natureza exploratória. Ao contrário do paradigma positivista, que utiliza categorias preestabelecidas para testar hipóteses, a pesquisa etnográfica é orientada pelos dados, sendo guiada por um referencial teórico que direciona a atenção do pesquisador para aspectos específicos das situações e do contexto que podem fornecer evidências para responder às perguntas de pesquisa formuladas no início do estudo e desenvolvidas durante a pesquisa de campo (WATSON-GECEO, 1988).

Nesse sentido, a pesquisa etnográfica implica em alguns passos prévios, incluindo a formulação de perguntas de pesquisa, a identificação dos potenciais sujeitos, a definição do espaço e do grupo social a serem estudados e a escolha dos instrumentos a serem utilizados inicialmente. Na fase inicial, o pesquisador delinea o plano geral do estudo e formula perguntas antes de entrar no campo. Em seguida, delimita o escopo da pesquisa, seleciona o grupo social a ser estudado e define o método de abordagem. Posteriormente, inicia o processo de coleta de dados, utilizando os instrumentos previamente escolhidos.

Conforme abordado por André (1995), antes de iniciar a atividade prática, é crucial discutir e negociar as questões preestabelecidas e os métodos a serem

utilizados com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Isso visa garantir que as ações a serem desenvolvidas durante o estudo não sejam impostas de fora para dentro.

Erickson (1986) emprega a denominação "pesquisa interpretativa" como uma alternativa à pesquisa qualitativa ou etnográfica, considerando-a mais abrangente e evitando a conotação estritamente não quantitativa, uma vez que a quantificação pode ser aplicada em determinados tipos de pesquisa qualitativa. Além disso, destaca que a interpretação desempenha um papel fundamental nesse tipo de pesquisa.

Mason (1997) prefere o termo "gerar dados" em vez de "coletar dados" ao descrever a pesquisa qualitativa, enfatizando que os pesquisadores não encontram dados prontos para coleta, mas sim os produzem a partir de fontes e instrumentos escolhidos. Essa abordagem reconhece o papel ativo do pesquisador na construção do conhecimento com base em princípios e métodos derivados de suas perspectivas epistemológicas e ontológicas.

Para Watson-Gegeo (1988), a pesquisa qualitativa ou interpretativa adota uma perspectiva de "socialização da linguagem" em oposição à "aquisição da linguagem", considerando que a linguagem é aprendida por meio da interação social e que ela desempenha um papel fundamental na socialização dos indivíduos.

Nesse contexto, a pesquisa etnográfica ou interpretativa se apresenta como uma abordagem adequada para estudar o processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, permitindo a exploração de questões teóricas e práticas relacionadas ao ensino e aprendizado da língua em tempo real.

Dada a natureza peculiar da pesquisa qualitativa, concordamos com a visão de Mason (1997) de que o processo de registro de dados é participativo, em que o pesquisador não apenas coleta informações, mas também as gera com base em suas escolhas e abordagens, construindo ativamente o conhecimento sobre o contexto em estudo.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

A pesquisa aqui proposta é de caráter social, que envolve subjetividades individual e em grupo. As técnicas de coleta de dados e das análises dos dados obtidos incluem um misto de métodos qualitativos e quantitativos. De acordo com Câmara (2013), a utilização de procedimentos mistos em pesquisas sociais é, bastante usual, permitindo a apreensão do fenômeno e do objeto de estudo por prismas distintos.

A utilização de métodos quantitativos, determinada pelo tamanho da amostra, não anula os elementos subjetivos da pesquisa. Contudo, ao empregar instrumentos quantitativos, "ganha-se em generalidade e perdem-se especificidades; identifica-se o visível, mas não se sabe o que está por trás dele; obtém-se a objetivação e não se apreende o processo de subjetivação mais completo" (Ferreira & Mendes, 2007, p. 85). A pesquisa qualitativa, por sua vez, possibilita a identificação de fatores relacionados a um fenômeno a partir de uma perspectiva analítica do real, baseando-se na população estudada. No contexto da pesquisa em questão, ela se revela uma ferramenta útil tanto no início, esclarecendo os dados da busca informativa e auxiliando na construção de formulários quantitativos, quanto no final, aprofundando a compreensão, melhorando a qualidade da interpretação e esclarecendo os dados quantitativos obtidos na pesquisa.

A pesquisa de natureza qualitativa capta as nuances da percepção dos entrevistados para uma compreensão mais ampla da realidade vivida pelos respondentes e aprofunda a questão de como as pessoas percebe os fenômenos estudados.

O método qualitativo não se opõe em essência ao método quantitativo, vem abranger e suprir questões que não se limitam a descrição de dados numéricos, sem face ou personalidade, portanto se adequa perfeitamente a pesquisa objeto desse estudo.

Objetivos como examinar como as pessoas percebem uma experiência, uma ideia ou um evento são típicos de pesquisas qualitativas. De acordo com Gaskell

(2002, p. 65), a pesquisa qualitativa "fornece os dados fundamentais para a exploração e compreensão das relações entre os atores sociais e seu ambiente. O foco é uma compreensão minuciosa das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos".

O autor também destaca que a compreensão sob a perspectiva dos participantes da pesquisa é uma característica distintiva da abordagem qualitativa, quando se trata de "fornecer uma descrição detalhada de um ambiente social específico, estabelecendo uma base para construir um quadro de referência para pesquisas futuras e disponibilizando dados para testar expectativas e hipóteses desenvolvidas a partir de uma perspectiva teórica específica" (Gaskell, p. 65).

A pesquisa qualitativa não é um conjunto de procedimentos que depende fortemente de análise estatística para suas inferências ou de métodos quantitativos para a coleta de dados.

Glazier & Powell (2011) ressaltam que os dados qualitativos englobam descrições minuciosas de fenômenos e comportamentos, incluindo citações diretas de pessoas sobre suas experiências, segmentos de documentos, registros e correspondências, bem como gravações ou transcrições de entrevistas e discursos. Esses dados oferecem uma riqueza de detalhes e profundidade, permitindo a captação das interações entre indivíduos, grupos e organizações.

A opção pela pesquisa qualitativa é justificada pelo fato de que ela não busca enumerar ou medir os eventos estudados, nem utiliza instrumentos estatísticos na análise dos dados. Ela parte de questões ou focos de interesse amplos, os quais se definem ao longo do desenvolvimento do estudo. Dessa forma, a pesquisa qualitativa pode ser aplicada em diversos tipos de investigação, apoiando-se em diferentes abordagens técnicas e metodológicas.

Na pesquisa utilizou-se a entrevista estruturada, na qual o pesquisador elaborou previamente uma lista de perguntas com uma escolha de respostas relativamente limitada. Utilizou-se de um questionário e as mesmas perguntas foram feitas a todos os participantes sempre na mesma sequência com o objetivo de colher informações para fins de mensuração das respostas.

O questionário é frequentemente utilizado como uma ferramenta para coletar dados, servindo tanto para reunir informações sobre o perfil dos participantes, como idade, gênero, ocupação e nível de educação, quanto para investigar conhecimentos, hábitos, interesses, opiniões, experiências de vida e outras características específicas dos envolvidos na pesquisa. De maneira geral, as perguntas podem ser categorizadas em dois tipos: abertas ou fechadas. Uma vantagem do uso de questionários é a capacidade de coletar informações diversas em um único momento da pesquisa. Quando as respostas são fornecidas de forma anônima, isso pode proporcionar aos respondentes maior confiança para expressar-se livremente, sem receios de constrangimento.

3.2 CONTEXTO, PARTICIPANTES E INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A metodologia aplicada durante o processo de construção do trabalho foi diversificada, levando em consideração a análise subjetiva do cenário atual de como é tratado à diversidade linguística no ensino da língua portuguesa padrão no ambiente escolar e seus reflexos na vida do egresso dos tempos finais da educação fundamental II e do ensino médio nas escolas.

A parte inicial foi um levantamento bibliográfico e investigativo esse levantamento serviu de base para obter diagnósticos e conclusões acerca do tema do estudo. O intuito foi buscar informações sobre como o ensino de língua portuguesa tem sido desenvolvido nessa fase da educação básica e como a língua falada no cotidiano do estudante se relaciona com a língua falada na escola.

Para pesquisa de campo, escolheu-se estudantes que na escola estavam cursando as séries do ensino médio, etapa final da educação básica no ensino brasileiro.

Compreende-se que um dos principais objetivos do ensino de língua materna é ampliar as competências linguísticas e comunicativas dos discentes capacitando-os para o uso da língua em diferentes contextos.

Bagno (1999), afirma que a educação linguística põe em relevo a necessidade de que deve ser respeitado o saber linguístico prévio de cada sujeito. Garantindo-lhe o respeito a sua identidade linguística no ato da interação social sem, contudo, negar-lhe o direito de acesso às outras variantes linguísticas, principalmente à variante padrão, também chamada de norma padrão.

Um questionário para buscar informações sobre variação linguística e o preconceito linguístico em sala de aula foi utilizado como objeto de busca de informações. O objetivo foi, através de uma entrevista com o questionário, buscar informações se os estudantes, público alvo da pesquisa, compreendem a existência de uma variação linguística diferente da considerada língua padrão, bem como se essa diferença influencia no cotidiano, causando situações de preconceito ou mesmo de inibição de uso da fala para expressar a língua portuguesa.

Câmara (2013) afirma que a pesquisa de abordagem qualitativa não pressupõe hipóteses pré-estabelecidas e, conseqüentemente, não busca dados que comprovem ou refutem essas pressuposições. A pesquisa se constitui de questões amplas que vão se delineando ao longo do seu percurso e vão elucidando algumas informações sobre o tema objeto de estudo.

A partir do questionário aplicado e das respostas obtidas busca-se conhecer os pensamentos dos alunos sobre a língua portuguesa e suas modalidades, bem como às regras da gramática prescritiva. A intenção é propor uma estratégia didática interventiva para propiciar aos alunos uma compreensão da existência de variedades linguísticas da língua considerada padrão. Através da análise do questionário respondido pelos estudantes analisar a presença de ação na escola diante do fenômeno da variação linguística, amparando o estudo do letramento. Entende-se como papel da escola desenvolver no estudante a escrita e competência para desenvolver as diversas formas de comunicação.

3.3 PLANO DE TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a elaboração, escolhido o público alvo da pesquisa e aplicado o questionário, os dados foram organizados para interpretação. Em uma pesquisa de natureza qualitativa, existem algumas técnicas singulares, fundamentadas em diversos correntes pensamentos e abordagens diversas. Nessa pesquisa a técnica especificamente utilizada para a interpretação dos dados se baseia na análise de conteúdo.

Para analisar os dados coletados, optou-se pela técnica de análise de conteúdo, que consiste na identificação e categorização dos elementos presentes nos dados. Essa abordagem em pesquisa qualitativa está fundamentada na proposta da professora da Universidade de Paris V, Laurence Bardin (2011). Em 1977, Bardin publicou a obra "Analyse de Contenu", na qual detalhou o método, fornecendo as diretrizes que orientam sua aplicação até os dias atuais.

Para Bardin (2011), o termo análise de conteúdo designa:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p. 47).

A análise de conteúdo, de acordo com a perspectiva de Bardin, é uma técnica metodológica aplicável a diversos tipos de discursos e formas de comunicação, independentemente da natureza de seu suporte. Neste tipo de análise, conforme Câmara (2013), o pesquisador procura compreender as características, estruturas ou padrões subjacentes aos fragmentos de mensagens examinados.

O esforço do analista na análise de conteúdo é, essencialmente, compreender o significado da comunicação como se fosse o destinatário típico da mensagem e, em uma análise mais profunda, desviar o olhar para identificar outros significados ou mensagens adicionais que podem ser encontrados ao lado da mensagem principal.

Bardin (2011) destaca que a análise de conteúdo envolve três fases fundamentais, como esquematizado na Figura 1: *pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, incluindo inferência e interpretação.*

Figura 1: Três fases da Análise de Conteúdo

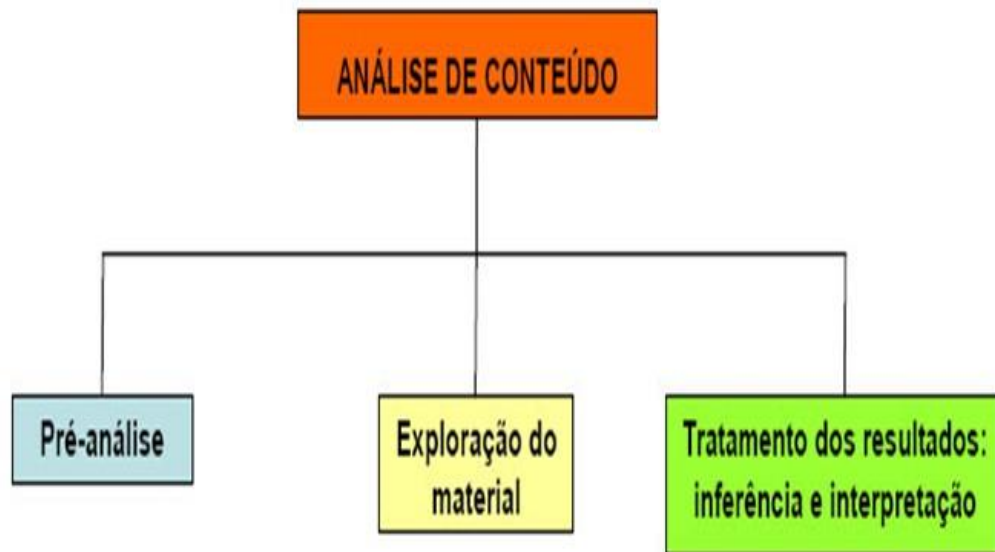


Fig. 1. Três fases da Análise de Conteúdo. Adaptado de Bardin (2011)

A análise de conteúdo, como ferramenta de análise de dados, compreende três fases distintas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados.

A pré-análise representa a etapa inicial de organização, marcada pelo primeiro contato com os documentos. Nesse estágio, são elaborados indicadores ou objetivos que guiarão a interpretação do material, conforme sugere Câmara (2013). O processo se inicia com a seleção dos documentos a serem analisados. Em casos de entrevistas, estas são transcritas, formando o corpus da pesquisa. A transcrição deve seguir critérios de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade.

Na segunda fase da técnica de análise de conteúdo, conhecida como exploração dos resultados, são empregados procedimentos de codificação,

classificação e agregação. Portanto, no contexto da geração de dados, essa segunda etapa visa sistematizar e categorizar os elementos para análise. O tratamento dos resultados, a terceira fase da ferramenta de análise dos dados: a inferência e interpretação buscou atribuir significados aos dados identificados, organizados, selecionados e categorizados das duas fases anteriores.

Para esse momento do processo, o foco está na análise do instrumento de coleta utilizado, no caso, utilizou-se a entrevista guiada por um questionário que foi respondido pelos estudantes público alvo da pesquisa e na análise dos dados obtidos na respectiva entrevista. As respostas apresentadas pelos estudantes as questões discursivas foram agrupadas para utilizando o referencial teórico serem analisadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

No contexto do ensino de língua portuguesa, a variação linguística e o ensino da língua padrão na escola tem sido um tema discutido nos últimos tempos, seja para avaliar sua validade ou confrontar o uso da norma padrão com os linguajares culturalmente estabelecidos e os preconceitos linguísticos sofridos pelos atores sociais. Assim, a opção da *análise de conteúdo* para analisar a temática de estudo objeto dessa pesquisa é pertinente pois o uso de entrevista através de questionário requer tanto inferências objetivas como subjetivas, seja do pesquisador ou do entrevistado.

Foi aplicado um questionário a um grupo de estudantes, na qual se selecionou uma amostra de 70 entrevistados para estudo. Todos entrevistados estudantes da educação básica cursando as séries finais dessa etapa de estudo que é o Ensino Médio. Aos participantes da entrevista foram dirigidas oito perguntas norteadoras do estudo. As respostas obtidas as perguntas foram agrupadas de forma a organizar um grupo de perguntas fechadas e outro grupo de perguntas abertas de respostas mais amplas. As respostas por estarem dentro da mesma categoria, abordando o mesmo tema, foram analisadas e as revelações provenientes da pesquisa foram explicitadas nos resultados a seguir expostos.

Para preservar a identidade dos entrevistados, optou-se por numerá-los em uma amostragem de um a setenta. Os entrevistados todos estudantes da educação básica, do Ensino Médio incluindo formação básica e alguns do integrado com educação tecnológica. Estudantes do Instituto Educacional Guido-IEG, localizado no município de Iranduba, pertencente a Região Metropolitana de Manaus, instituição que cedeu espaço e com a colaboração dos estudantes propiciou o desenvolvimento desse estudo.

O Instituto Educacional Guido-IEG, por seu o objetivo de formar profissionais da saúde, da educação, da cultura, do turismo, desenvolve cursos com o compromisso de atender a realidade local direcionando a atenção para a sociedade. É uma instituição de ensino privada, mas em permanente diálogo com a sociedade e com interesse em melhoria continua dos seus processos de ensinar e aprender.

Sabedores de que nenhum país pode aspirar ser desenvolvido e independente sem um forte sistema de educação, é importante contribuir para processos de pesquisa e aprimoramento dos profissionais, daí a sua importante contribuição nesse trabalho.

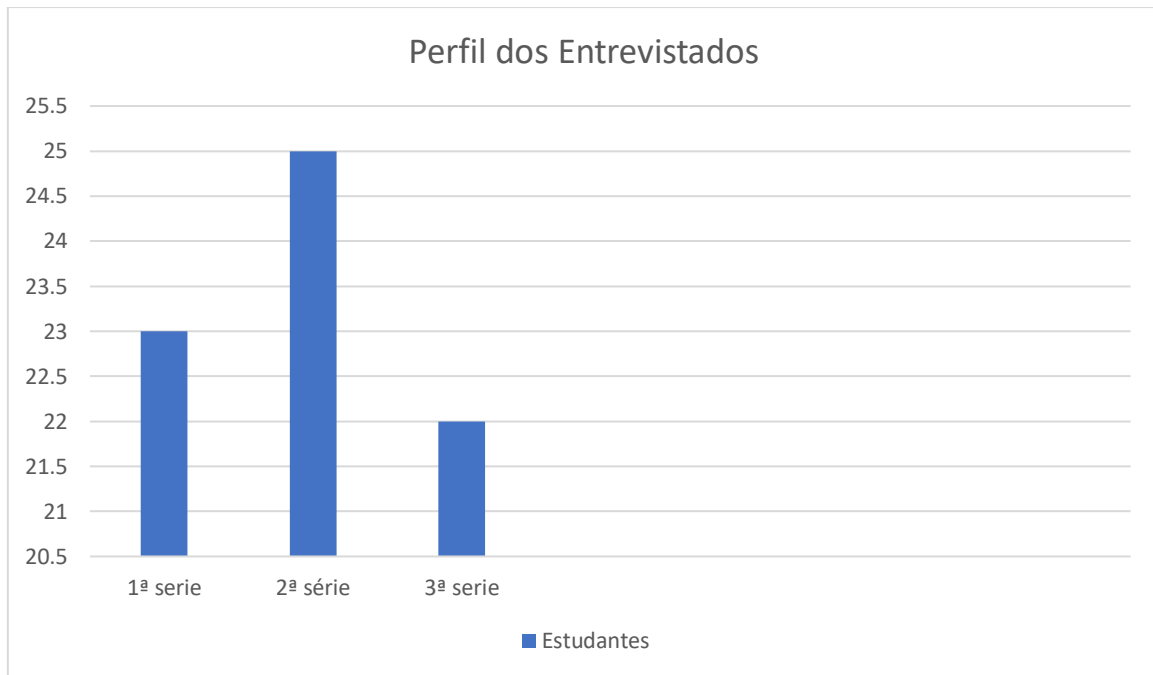


GRÁFICO 1 – Perfil estudiantil dos entrevistados.

O gráfico 1 apresenta o perfil dos estudantes que participaram da pesquisa objeto desse estudo. Todos alunos do ensino médio do Instituto Educacional Guido-IEG já referenciado nesse documento de estudo. A escolha dos estudantes da etapa final da Educação Básica, se justifica pela trajetória que estes já passaram durante o processo de educação de etapas de aprendizagem de língua portuguesa, este processo de aprendizagem da língua acontece durante toda a formação básica.

O debate sobre a heterogeneidade linguística deve ser discutido com os atores do processo, nesse caso os estudantes da educação básica, através do conhecimento trazido pelos alunos, o professor poderá traçar estratégias de aprendizagem mais adequadas ao contexto cultural em que desenvolve o ensino da língua.

É comum acontecer tanto na sociedade quanto no âmbito escolar o desprestígio das variedades linguísticas e muitas vezes a padronização, diferenciando o que é “certo” e “errado” em forma de expressar e se comunicar pode ser fatores impeditivos do processo de ensinar e aprender no contexto da sala de aula.

4.1 O CONCEITO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A língua portuguesa é a mais conhecida mundialmente, falada por mais de 200 milhões de pessoas ao redor do planeta. A gramática da língua portuguesa é considerada uma das mais difíceis que existem, por ser repleta de regras e, também de suas exceções a suas próprias regras, é uma língua rebuscada e trabalhosa de se aprender na totalidade. Ao serem questionados sobre o que é língua portuguesa, apresentamos algumas respostas advindas dos entrevistados.

É a linguagem a qual Brasileiros e cidadãos de civilização portuguesa usam para se comunicar. (Estudante 1)

É uma língua de origem de Portugal, e mistura com a linguagem indígena, tupi e guarani que formou a língua portuguesa. (Estudante 26)

É a linguagem básica usada pelos países que foram colonizados pelos portugueses e utilizam essa linguagem como comunicação. (Estudante 36)

Uma questão importante era saber o que o estudante pensa sobre a língua portuguesa, ou seja, qual a concepção de língua portuguesa que permeia o imaginário dos estudantes da educação básica. As respostas apresentadas pelos estudantes demonstram que todos eles concebem a língua como originada de Portugal que trazida para o Brasil, misturou-se com os diversos linguajares, é difícil para alguns estudantes, e sofre constantemente mudanças ortográficas.

Saussure (2006) formulou a concepção da língua como um sistema, o que proporciona a base para a descrição das restrições semânticas tanto no discurso quanto no enunciador. Essa perspectiva percebe a fala como um fenômeno sistematicamente organizado, afastando-se da aleatoriedade, como Saussure

postulou sobre a língua. A partir do conceito saussuriano de língua, somos motivados a buscar uma fala organizada.

Saussure (2006) também abraçou o princípio de uma linguagem articulada, ao reconhecer que a questão do aparelho vocal é secundária no problema da linguagem. Ele alertou que o som é meramente um instrumento do pensamento e não possui existência própria. A relevância do pensamento de Saussure tem se mantido ao longo do tempo.

A dicotomia entre a língua (*langue*) e o discurso (*parole*), estabelecida por Saussure (2006), se baseia em uma distinção sociológica. Ele enfatiza que a linguagem tem um aspecto individual e um aspecto social, sendo impossível conceber um sem o outro. Para Saussure, a linguagem é a habilidade natural de usar uma língua, enquanto a língua é algo adquirido e convencional.

Como uma instituição social, a língua não está completa em nenhum indivíduo, existindo de forma completa apenas na coletividade. A língua, para Saussure, é simultaneamente uma realidade psíquica e uma instituição social. Essa visão da língua como uma realidade sistemática e funcional é o elemento mais significativo dessa concepção saussuriana. Por outro lado, a fala, por ser constituída de atos individuais, é múltipla, imprevisível e não pode ser reduzida a um padrão sistemático.

A linguística aplicada é uma disciplina que se pauta na língua e interação, para ela o que interessa é a comunicação, é como trabalhar a língua e como essa língua serve para nos comunicarmos para escrevermos, para falarmos e para lermos, que esse é o objetivo de todo ensino, é para isso que se vai para a escola. A língua é para interação e uso. Saussure (2006) concebe a língua como um sistema de regras, bem marcados e que o sujeito tem que seguir, e o sujeito está fora dessa interação, não importa se goste ou não, ele não poderá alterar a língua. A língua é o sistema.

Noam Chomsky (2015), um dos principais proponentes da ideia de que a linguagem é um instinto humano, desenvolveu, na década de 1950, a Teoria

Gerativa. Essa teoria postula que a aquisição da linguagem origina-se de um órgão mental, assemelhando-se a uma faculdade psicológica presente em cada indivíduo.

A faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como "um órgão linguístico" no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa (CHOMSKY, 2015, p. 1).

Noam Chomsky, em sua abordagem linguística, considera a língua como um conjunto infinito de frases, não apenas definidas pelas frases existentes, mas também pelas criações possíveis que podem surgir da interiorização das regras da língua. Ele advoga a ideia de uma abordagem formal para o estudo das estruturas das frases, fundamentada em símbolos e regras. Chomsky sugere que não aprendemos a língua por meio de experiências derivadas de interações sociais, mas que nascemos com a capacidade inata de adquirir qualquer língua sem dificuldade significativa até um determinado ponto em nossas vidas.

De acordo com Chomsky (2015), a capacidade de compreender e produzir linguagem é resultado de princípios universais que constituem o órgão da linguagem, frequentemente referidos como Gramática Universal (GU). Essas regras subdividem as sentenças em partes menores, permitindo a combinação dessas partes por meio de regras de transformação para gerar todas e apenas as sentenças gramaticais (válidas) de uma língua específica. Essa abordagem ficou conhecida como Gramática Gerativo-Transformacional, e Noam Chomsky é um de seus principais proponentes.

A questão da aquisição da linguagem e sua inatidão, de acordo com a perspectiva gerativista de Chomsky, está no centro de seu trabalho. A capacidade de "encaixar" um conjunto infinito de expressões estruturadas é algo que é comum e exclusivo aos seres humanos, e Chomsky a chama de o aspecto criativo da linguagem. Ele busca simplificar e aprimorar nossa compreensão desse fenômeno, destacando que a concatenação de ideias é uma refinada forma de pensamento.

Ao contrário do estruturalismo, cujas ideias são defendidas por Saussure, a língua como um sistema de signos e exterior aos indivíduos, portanto esta deve ser estudada separada da fala a língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos; é um sistema articulado o gerativismo atribuiu o estudo da língua a fatores inatos ao indivíduo. Chomsky considera que a linguagem sofre influência do meio externo ao qual está submetida, mas está se desenvolve a partir de características presentes em cada indivíduo, independentes da sociedade e da cultura em que eles estão situados.

Chomsky vai pensar a língua como aquilo que está na mente do sujeito, vai ver a competência e a performance do sujeito. Há uma necessidade de preocupar com aquilo que a nossa mente comporta. Nós temos uma competência, mas que nem sempre é toda utilizada, porque vamos sempre nos preocuparmos com a organização que a nossa mente consegue fazer. Nós temos capacidade de falar um número limitado de frases, mas o nosso interlocutor e nós mesmos não temos como guardar todas essas informações.

O foco da linguística aplicada está na linguagem, na preocupação com o ensino, nos problemas sociais, naquilo que preocupa o ensino, os professores, a escola, fatores que prejudicam a aprendizagem da língua.

Nesse sentido as concepções de língua e linguagem no ensino de língua portuguesa é importante. Há três concepções básica de língua. A língua como expressão do pensamento, que é aquela pautada na gramática normativa em que é comum pensar que quem não fala bem, não escreve bem, não pensa bem. Como se a língua estivesse diretamente relacionada a capacidade de pensar.

Esse ensino baseado na língua como expressão do pensamento, é aquele pensado a partir da gramática normativa, das regras da língua, das regras do bem falar, das regras do bem escrever e se pauta mais na linguagem literária, nas obras literárias.

Alguns entrevistados tem a concepção da língua como esse conjunto de regras que devem ser aprendidas para que possa não somente falar bem, como escrever corretamente, formas de expressar que sejam mais aceitas socialmente.

Conforme dispõe o Estudante 55 que define a língua portuguesa como um conjunto de palavras faladas e escritas no dia a dia.

*É uma forma de aprender a falar e escrever corretamente. (Estudante 58)
A língua portuguesa é a linguagem correta que usamos em nosso país que é o Brasil. (Estudante 40).*

É a matéria na qual nos auxilia nosso linguajar e a podemos escrever corretamente para podermos ter um conhecimento mais amplo dentro da língua portuguesa. (Estudante 51).

Essa fala dos estudantes demonstra um reconhecimento da língua relacionado ao ensino utilizando a gramática. A língua como uma forma de expressar o pensamento. Os alunos estão intuitivamente relacionando o ensino da língua portuguesa na escola pautado na gramática normativa em que é comum pensar que para escrever bem, é necessário ser um bom falante da língua e escrever bem está relacionado a um pensar bem.

Os estudantes, apesar de considerar a aprendizagem da língua portuguesa difícil, observa-se no desenvolver de suas falas, uma preocupação com a língua portuguesa como estruturante da aprendizagem dos outros conteúdos que são ensinados na Educação Básica.

A língua portuguesa é a base para conseguirmos aprender todas as matérias aplicadas durante o período de estudo e após ele. (Estudante 39).

Os estudantes consideram que a aprendizagem da língua portuguesa no ambiente escolar é importante para que eles possam aprender os outros conteúdos disciplinares. Importante salientar que apesar de alguns estudantes não gostarem do estudo da língua portuguesa, todos consideram importante o seu estudo e apresentam diversos argumentos que justificam a sua importância.

A segunda função da língua, que a linguística se interessa é a função comunicativa, é com a língua preocupada em comunicar. Não importa se você está falando certo ou errado, importa que você consiga comunicar aquilo que o sujeito quer dizer. Nessa concepção não importa se você fala bem, escreve bem, mas se

não consegue comunicar o que quer dizer, as pessoas não compreendem o que você está falando. Esta concepção vai se preocupar com a comunicação, com a língua em uso nos diversos meios de comunicação tais como: jornais, televisão, mídia, nos textos literários, nos textos informativos, enfim em todos os tipos de texto.

A função interativa da língua é aquela mais preocupada com a comunicação, mas ouvido e falando. Uma das vertentes da função interativa da língua é a língua falada, inclusive com suas regras. A gramática normativa, que apresenta as regras da língua, muitas vezes não recobre a interação comunicativa.

As concepções de linguagem que o professor utiliza para direcionar o seu trabalho são importantes para o processo de ensino e aprendizagem.

Antunes (2007), foca no ensino de língua como resultado da reflexão do professor. Muitos professores acham que para garantir a eficiência nas atividades de falar, de ler e escrever, basta ser estudioso da nomenclatura gramatical ou até mesmo não ensinar gramática. Antunes (2007) dispõem que a língua não pode ser vista apenas como uma questão do certo ou errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem a uma determinada classe e que se juntam para formar frases.

O professor quando vai preparar uma aula, quando ele vai se preocupar com o ensino ele sempre deverá ter bem claro que teoria irá utilizar, é indispensável saber os pressupostos teóricos do seu fazer ensinar. E dessa forma ele vai saber como nortear a sua forma de ensinar e esse pensar a questão da língua vai nos direcionar a superar as dificuldades do caminho.

É interessante deixar de se preocupar excessivamente com as regras, deixar de ensinar o óbvio e deixar de lado o que é importante. Para Antunes (2007) há muitos equívocos no ensino da língua materna e entre esses equívocos estão as regras.

Para os estudantes entrevistados a língua portuguesa é considerada difícil porque sofre mudanças ortográficas.

A língua portuguesa é difícil, pois a cada dia ela sofre mudanças ortográficas e nem todos buscam se manter informados. (Estudante 68).

Os estudantes percebem também a evolução da língua portuguesa. A importância do professor como responsável também por essa mutação da língua portuguesa no tempo e nos diversos espaços socioculturais deve ser um ponto de aprofundamento no espaço escolar.

Muito interessante a língua portuguesa, evoluiu constantemente, sendo a mais difícil de falar, as vezes complicado para escrever. (Estudante 64).

Conforme salientado por Bagno (2015) ao abordar o mito de que o Português é muito difícil, é crucial compreender que o problema reside no fato de que as regras gramaticais consideradas "certas" são aquelas utilizadas em Portugal. Dado que o ensino da língua sempre se baseou na norma gramatical portuguesa, muitas das regras aprendidas na escola não correspondem, em grande parte, à língua que efetivamente falamos e escrevemos no Brasil. Essa discrepância contribui para a percepção de que o português é uma língua difícil.

Só o padrão tem regras, é outra ideia que aparece nos livros didáticos. É impossível falar uma língua sem respeitar suas regras. Regra é qualquer coisa que faça a língua funcionar não só o que está na norma. É importante observar a lógica por trás da variedade.

Quando o professor solicita ao aluno passar sua produção escrita para a norma culta, também é outra problemática, o que considera que após a abordagem da variação linguística o que prevalece mesmo é a norma culta, que na

consideração é a norma padrão. Existem situações que é desnecessário seguir a norma culta, na verdade norma padrão.

4.2 A LÍNGUA PADRÃO ENSINADA NA ESCOLA

A insegurança dos estudantes na comunicação, principalmente quando se trata de situações formais, a dificuldade na produção de textos dissertativos, principalmente nos processos seletivos e a dificuldade de compreensão de textos em todos os níveis escolares são indicações da importância do ensino de língua portuguesa, cujo questionamento vem ocupando uma posição central nos contextos da educação formal.

Para compreender como os estudantes relacionam o estudo da língua portuguesa em sua vida, foi proposta a questão em que são indagados sobre se acha importante o estudo da língua portuguesa e que fizessem uma explicação da sua resposta.

Embora alguns dos entrevistados dissessem não gostar do estudo da língua portuguesa, todos eles consideram importante esse estudo e argumentaram de diversas maneiras essa importância.

Língua portuguesa é a base para conseguirmos aprender todas as matérias aplicadas durante o período de estudo e após também. (Estudante 49)

É uma matéria na qual nos auxilia nosso linguajar e a podermos escrever corretamente para podermos ter um conhecimento mais amplo dentro da língua portuguesa. (Estudante 31)

É a linguagem praticada em nosso país e tem função importante no aprendizado de todo estudante. (Estudante 27).

Nesse perfil de resposta apresentadas, e que é o exposto pela maioria dos entrevistados, observa que a língua portuguesa é importante na concepção de todos os entrevistados.

No Brasil, o ensino da língua materna ainda se desenvolve quase somente por meio do ensino da gramática tradicional, e o pressuposto básico, nesse modelo de ensinar é que saber a teoria gramatical é saber português. Esse posicionamento fruto de uma tradição histórica, organizada numa concepção clássica do ensino da língua, trazida pelos jesuítas, buscou seu aperfeiçoamento evitando qualquer alternativa, e o professor que só a gramática aprendia, apenas gramática ensinava, fechando assim um círculo vicioso, com poucas perspectivas de mudanças.

O reconhecimento da variação linguística, obriga a quem vai ensinar a ter uma visão mais honesta da língua. A língua não é um bloco fechado da norma padrão tradicional, a língua não é só escrita literária do passado, a língua é uma colcha de retalho. Os professores conseguem ensinar melhor se levar essa multiplicidade para a sala de aula. Não se deve separar de forma tão drástica a língua que é falada na sociedade da língua que vai ser ensinada em sala de aula. A variação linguística é um elemento a ser abordado em sala de aula.

A sociedade brasileira, de modo geral, é marcadamente fundada de pluralidades e diversidades, principalmente no que tange a diversidade linguística. Esta característica ainda é pouco apreciada nos currículos escolares. Uma mudança de atitude quanto a esta problemática passa, necessariamente, pela formação de professores e pelo estudo sistemático e científico da temática (PESSOA, 2009).

No Brasil, um país tão pluralizado linguisticamente, é importante questionar se cabe discriminação as diversas linguagens no ensino de língua portuguesa, já parafraseando o estudante (26) que considera a língua portuguesa originária de Portugal que se misturou com *a linguagem indígena, tupi e guarani que formou a língua portuguesa*.

No contexto brasileiro, as variações na utilização do português são principalmente atribuídas à extensa extensão territorial, resultando em diferenças regionais, e à desigualdade social, que está associada à distinção entre variedades não padrão e a norma culta (BAGNO, 2007).

Os estudantes foram questionados se percebiam diferença entre a língua portuguesa padrão ensinada na escola e a linguagem falada espontaneamente. A maioria dos entrevistados acham que sim, realmente há diferença entre as linguagens.

Por ter um padrão diferenciado devido as várias regiões com sotaques e gírias e dialetos, ela se difere. (Estudante 42)

Costuma ser diferente devido as gírias e miscigenação cultural que modifica o dialeto e a escrita ensinada nas escolas. (38)

Porque a espontânea as pessoas resumem e exemplificam, já a padrão, as pessoas buscam levar ao pé da letra. (52)

O estudante (38) de uma forma categórica afirma que a linguagem espontânea é sim diferente, porque no nosso país existem várias culturas. Uma das linhas diretrizes desta investigação reside na tentativa de integração, na descrição linguística, de considerações referentes aos contextos social e cultural em que tem lugar o uso.

A abordagem da variação linguística no ensino tem aparecido, mas apresenta vários problemas de natureza teórica. Muitos livros didáticos apresentam problemas teóricos. Há, por exemplo, a atribuição de sinônimo da norma culta como sendo o mesmo que norma padrão. Norma culta e norma padrão não são a mesma coisa. O padrão não é uma variedade linguística, ele é uma língua artificial criada para ser um modelo, e a variedade culta é realmente a forma empregada no dia a dia pelos falantes da língua.

A pessoa quando fala ou escreve ela não se preocupa com as regras, ela se preocupa com o que tem que escrever, por isso a necessidade de reformar o que escreveu, se existe clareza e também na leitura, o sujeito tem que ser cooperativo com o que ele fala.

A uma desconsideração da variação estilística na sociedade e na escola. Cada ser humano, cada falante da língua, varia a sua atividade linguística de acordo com quem está falando, a quem a fala está sendo dirigida. É interessante falar

dessas variações no espaço educacional. A variação social, que tem a ver com os grupos sociais e variação individual, que é a variação estilística.

Muitas vezes os autores de livros didáticos, esquecem esse fato de que ocorre variações e tentam mostrar que toda língua escrita é formal e toda língua falada é informal. É sabido que temos uma escrita formal e uma escrita informal, existe também uma fala formal e uma fala informal, portanto não devemos desconsiderar a variação estilística.

O Estudante (64) expressa essa diferença no ambiente escolar quando diz que, *“porque as vezes nós falamos de um jeito e escrevemos de outro. Tomando assim um padrão diferenciado do outro”*.

Como pode ser observado, é um outro problema, o fato de considerar a escrita como o ideal, ninguém fala como escreve. Faz-se uma abordagem linguística e depois considera que o ideal é o que está na escrita consagrada, literária, etc. Aborda-se a oralidade apenas como um pretexto para considerar a escrita literária como a ideal.

Sobre o mesmo tema, o Estudante (19), concorda que a língua falada espontaneamente é diferente da língua portuguesa padrão ensinada na escola, *“é bem diferente, metade dos seres humanos não pronuncia a língua portuguesa como escreve”*. Esses estudantes, em suas contribuições ao estudo, explicitam que para escrever também tem um jeito “correto” que é o padrão.

A classificação do padrão linguístico como uma variedade linguística, é um outro problema de natureza teórica, ninguém fala de acordo com a norma padrão. O padrão não existe autenticamente na fala das pessoas, ninguém fala de acordo com a norma padrão.

O uso de material autêntico com os alunos é uma boa estratégia para trabalhar a variação linguística. Não é interessante trabalhar a fala errada do meio rural, por exemplo, como variação linguística.

O tratamento da variação linguística como se fosse só do meio rural, de gente caipira. Isso é bem exposto nos livros didáticos. Isso é muito problemático, porque

acaba criando uma sinonímia de variação com erro. Existe variação linguística também na fala das pessoas urbanas, cultas e letradas. É interessante não perpetuar essa distorção da realidade.

Travaglia (2013) trabalha com o ensino integrativo e plural. Sendo gramática interativa, há uma preocupação da língua como interação. Há um questionamento do porque o ensino das regras gramaticais, em que essas regras auxiliam na aprendizagem da língua. O modo de dizer é que vai dar significado a informação, busca discutir porque o ensino de língua para falantes da língua materna.

Em sua proposta, Travaglia (2013) pauta-se na definição de alfabetização e letramento postulada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998), os quais entendem por alfabetização, em seu sentido restrito, o “processo de aquisição da escrita alfabética” (BRASIL, 1998, p. 28) e, por letramento, o “produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia.

São práticas discursivas, presentes em documentos oficiais e que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever” (BRASIL, 1998, p. 21).

A concepção de língua que rege o ensino de cada professor é que vai mostrar que tipo de gramática ele vai usar, que tipo de ensino ele vai fazer e que tipo de atividades ele vai trazer ao processo de ensino.

Travaglia (2013) propõe uma abordagem para o trabalho com o conhecimento linguístico, através do desenvolvimento de atividades voltadas para a aquisição de conhecimentos gramaticais relevantes para a alfabetização e letramento nas séries iniciais. Sua proposta destaca que o conhecimento linguístico vai além da mera teoria gramatical e terminologia para analisar os elementos da língua de forma descontextualizada. Ele enfatiza que esse conhecimento teórico deve ser integrado às atividades que apresenta, visando que o aluno:

a) adquira a variedade escrita da língua, uma vez que ele domina uma variedade oral familiar quando chega a escola e

b) alcance progressivamente o domínio e a capacidade de uso de um número cada vez maior de recursos da língua, tornando-se um usuário da língua progressivamente mais competente. (TRAVAGLIA, 2013, p. 12).

Dessa forma, Travaglia espera, de acordo com a sua exposição de motivos, que as sugestões das atividades possam ser úteis, produtivas e que sejam um suporte para um ensino que fuja à tradição que circunda o ensino básico nas escolas de Ensino Fundamental do Brasil, levando os alunos a adquirir habilidades de uso da língua, em suas diferentes variedades.

4.3 A LÍNGUA PADRÃO ENSINADA NA ESCOLA X A LÍNGUA FALADA

Muitos estudantes expõem que a língua ensinada na escola é diferente da língua falada e atribui essa diferença, pela espontaneidade da língua da falada e o fato de ser falada muitas gírias.

Sim. Porque a linguagem falada espontaneamente contém muitas gírias e dialetos não inclusos nas ortografias escolar. Estudante (1)

Sim. Por ter um padrão diferenciado devido as várias regiões com sotaques e gírias e dialetos, ela se difere. Estudante (42)

Sim. Porque a linguagem falada espontaneamente e ela tem suas gírias e na língua portuguesa é mais correto. Estudante (26)

Costuma ser diferente devido as gírias e miscigenação cultural que modifica o dialeto e a escrita ensinada nas escolas. (38)

Sim. Porque a fala especificamente são usadas gírias e as ensinada na escola já são corretamente pontuadas e corretamente explicadas estudante (57).

Sim. A espontânea tem muitas gírias e expressões. Estudante (35).

Sim. A metade dos seres humanos não pronuncia língua portuguesa como escreve. E gírias diferentes. (Estudante 19)

Socioleto e Variedade Social da língua. A gíria é um socioleto, caracteriza determinados grupos sociais. Toda profissão tem seus jargões, a gíria deve ser tratada em sala de aula pelo professor. É uma forma de reconhecimento dos diferentes usos da língua. A gíria caracteriza uma geração. Cria uma linguagem própria do grupo e faz parte da vida da língua. É importante trabalhar textos autênticos.

O papel da escola é ensinar a norma padrão, mesmo está não sendo uma variedade linguística. A norma padrão faz parte da educação linguística e deve ser apresentado, mas não como uma meta a ser atingida. O papel principal da educação linguística é a inserção da pessoa na cultura letrada, que é o desenvolvimento da leitura e da escrita de textos dos mais variados gêneros discursivos. Nessa apresentação dos diversos gêneros textuais a norma padrão também vai aparecer, o

estudante vai conhecer as diferentes formas. O professor mostrará a variação linguística com o padrão, que é um artifício para aprender a língua.

A sociolinguística surgiu como uma forma de reação ao predomínio da gramática gerativa durante a segunda metade do século vinte. Gerativismo é uma teoria linguística que trabalha com a intuição do falante. No Brasil a tentativa de casar a sociolinguística com o gerativismo. Norma culta é um conjunto de variedades faladas por pessoas de convivência urbano com alto grau de escolarização. Quando analisamos essa norma culta, existe um abismo entre ela e a norma padrão, por isso, não podemos confundir norma culta com norma padrão.

A norma padrão é um patrimônio da língua e que deve ser apresentado ao estudante, é um direito dele.

Para os professores que atuam no ensino da língua, uma coisa muito importante, recomendada, é fazer um diagnóstico sociolinguístico, quem são esses alunos, qual o tipo de escola que está atuando, seja: periferia, classe média, classe alta. É necessário saber quem são essas pessoas para saber o que precisa ou não precisa ensinar. É necessário conhecer as variedades ou a variedade linguística presente em sala de aula, para poder trabalhar com elas e fazer o seu projeto de ensino. A sociolinguística é muito importante para a educação.

Variação linguística é um ponto que vem sendo discutido há quase quarenta anos, ainda são inovações no ensino de língua, que vem sendo incorporado a educação. Variação é um fenômeno linguístico que significa a existência em uma mesma época num recorte temporal da língua formas diferentes de dizer a mesma coisa. Cada uma dessas formas é chamada variante. Por exemplo, assistir ao filme, assistir o filme.

Variedade é o modo particular de falar a língua de uma determinada região, de uma determinada classe social, um determinado grupo profissional. Temos variedades regionais, variedades profissionais. Existe variedade com relação as faixas etárias, grau de letramento. É o conjunto de formas da língua de um determinado grupo social. Então podemos falar em variedades da língua. Por trás da

língua temos muitas variedades. A heterogeneidade é da natureza da língua humana. Mesmo em um pequeno grupo ainda teremos variação.

Até hoje os professores não sabem bem como agir diante dos chamados certos e errados no ensino de língua portuguesa. Esses erros podem ser considerados preconceitos linguísticos, porque pode ser uma diferença entre as diversas variedades da língua

Essas diferenças se apresentam quando comparamos a variedade usada na escola, onde predomina a cultura da formalidade, do letramento, da vigilância, com a variedade usada em outros espaços, sejam em casa, com os amigos, onde predomina uma cultura mais oral e de menos formalidades. O aluno depara com essa diferença na escola, e no início ficará chocado, e haverá situações em que ele fará uso da linguagem mais coloquial, mais usada no seu dia a dia em detrimento da linguagem mais formal.

Sim. A linguagem falada é de nossa matéria e muitas vezes não falamos como escrevemos. (Estudante 65)

Porque na escola você aprende o verdadeiro português, mas quase não falamos corretamente ele (Estudante 47)

Sim. ela ensinada na escola é mais claramente é, pois, é mais correta de se aprender. (Estudante 33).

A escola nos ensina como a escrever e a fala de forma corretamente, como nos expressar. (Estudante 54)

A língua padrão completa todo o ensino da língua portuguesa falada. (Estudante 70)

Ao chegar à escola, o aluno depara com essa diferença na escola, e no início ficará chocado, e haverá situações em que ele fará uso da linguagem mais coloquial, mais usada no seu dia a dia em detrimento da linguagem mais formal. Os estudantes já nas séries finais percebem claramente. O padrão de comportamento dos professores em relação ao uso das regras não padrão dos alunos depende basicamente do tipo de situação em que elas ocorrem.

Na perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível aos saberes dos alunos, podemos como professores diante da utilização de uma regra não padrão devemos identificar a diferença e conscientizar o aluno da diferença e não tratar como “certo” ou “errado”.

É importante a formação do professor que vai trabalhar no ensino da língua, para que este tenha conhecimento das regras da norma padrão. O professor precisa ficar atento. Para muitos professores, regras na forma de falar, não são percebidas, principalmente quando inseridos no mesmo meio cultural, como por exemplo, no meio rural.

O professor faz uso das mesmas regras de oralidade, se comunica do mesmo jeito que o aluno. O professor não faz uso da norma padrão, portanto ele não perceberá na fala do aluno, esse professor se não ficar atento não saberá adequar a fala do estudante a norma padrão que é ensinada na escola.

O professor pode intervir em evento de letramento, onde a situação comunicativa requer a norma padrão, nesse caso o professor pode intervir para o aluno aprender a norma padrão da língua. Um erro de decodificação da escrita é interessante ser corrigido, quando por exemplo, viola a norma padrão, mas sempre de maneira sutil para que o aluno não perca o interesse pela aprendizagem da língua.

Sobre o preconceito linguístico e o jeito de falar. Principalmente quando o estudante tivesse que estar em um outro local, muitos dos entrevistados acreditam que seriam vítimas de preconceito pela forma de expressar, o seu jeito de falar.

Sim. Dependendo da cidade, acredito que de um Estado para o outro seria sim, mas, nem em todas as cidades temos as mesmas culturas. (Estudante 16)

Sim. Porque a linguagem portuguesa é ensinada em todos os Estado ou melhor no Brasil podem a ver o sotaque que diferenciam um pouco mais e a mesma linguagem. (Estudante 26)

Sim. Cada local tem o seu sotaque diferente. (Estudante 34)

É notório que o uso de uma variação linguística, no Brasil, considerada inferior pela sociedade desperta avaliações, julgamentos, humilhações, discriminações e, principalmente, exclusão social.

As pessoas sempre associam o português com aquelas normas padrão presente na gramática, por isso elas falam que português é muito difícil, para essas pessoas o português não é a língua que falamos e sim um conjunto de regras presentes na gramática tradicional.

Uma das inquietações que norteia as pesquisas no ensino da língua são as relações entre os saberes produzidos nas universidades no que respeito à Linguística Aplicada e à forma como esses saberes efetivamente têm contribuído na discussão de problemas linguísticos socialmente relevantes (MOITA LOPES, 2006).

Apesar de tantos progressos no âmbito da teoria linguística muito do que acontece na sala de aula se pauta por modelos ultrapassados distantes dos parâmetros dessas novas teorias. A renovação esperada e alcançada diante das definições de princípios teóricos ainda não se concretizou na prática.

Desde a publicação dos Parâmetros curriculares de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997) e da eclosão, ainda que tardia no Ocidente, do pensamento de teóricos como Mikhail Bakhtin e L.S. Vigotski e de seus seguidores no Brasil, a concepção de língua como objeto social passou a ser foco de discussão.

A inexistência de diálogo entre teoria e prática, a distância entre o professor suposto, idealizado e imaginado pelos documentos oficiais e o professor real que vive o cotidiano da sala de aula, pode apresentar inúmeras justificativas, dentre elas os equívocos conceituais ainda alimentados pelos professores.

Os professores apresentam mitos acerca da própria concepção do que seja teoria, o que implica levar a prática os princípios teóricos. Equívocos a respeito do que sejam língua e gramática, a respeito do que deve ser priorizado como objeto de aprendizagem em cada etapa do percurso escolar. A formação do professor, os cursos de letras não preparam o estudante para a atuação em sala de aula, para um projeto amplo e significativo de trabalho.

Os currículos dos cursos de letras e pedagogia, não tem preparado os estudantes para atuar no curso de língua, muita atenção ainda se faz necessária a formação dos futuros professores e também a formação continuada dos que já estão nesse trabalho educacional.

Muitos professores retornam a métodos tradicionais, ou segue o livro didático, a principal referência para as atividades em sala de aula. Vimos ainda muita insuficiência de compreensão dos professores quando se trata de explorar as propriedades do texto por sua tipologia e de seu gênero.

Há também, falta de autonomia dos professores para elaborar um projeto mais amplo e significativo de trabalho, o que o restringe a retomar os programas tradicionais de ensino ou usar o livro didático como guia para o seu trabalho, dessa forma a sua principal referência

Para avaliar se há diferenças entre a língua falada e a língua portuguesa ensinada na escola, buscou-se adquirir junto aos estudantes entrevistados se sentiam envergonhados ao falar na escola do seu jeito falar cotidiano, na sua vida social.

O gráfico 2 apresenta o padrão de respostas enunciados pelos entrevistados ao serem indagados sobre a oralidade, se sentiam-se envergonhados quando tinha que fazer exposição da sua fala no contexto da sala de aula.



GRÁFICO 2 – O estudante se sente envergonhado quando tem que expor a sua fala em sala de aula.

Os mitos que envolve a questão linguística são muitos e servem para a discriminação, o preconceito, ao simplismo com que as questões de linguística e gramaticais são tratadas na escola. E a omissão das questões linguísticas. Entre esses mitos destaca-se o ensino da gramática. Concretamente, de que, do quanto, do como ensinar gramática. Que muito pouco tem a ver com a competência comunicativa necessária ao cidadão.

Apesar de ser uma ocorrência comum, o preconceito linguístico é um tema pouco explorado e, conseqüentemente, raramente é abordado em ambiente escolar. Esse preconceito tem como fundamento a crença de que há apenas uma maneira correta de se expressar, seguindo a seqüência escola, gramática e dicionário. Qualquer desvio desse modelo é muitas vezes rotulado como inadequado.

A noção de erro de língua já faz parte da nossa cultura, e é importante compreender de onde essa ideia surge. Para ter uma ideia de erro é necessário haver uma ideia do que seja o certo o correto. O que é considerado certo de um modo geral tem a ver com aquele modelo de língua que é considerado norma padrão. Vem decodificada nas gramáticas normativas e nos materiais que trabalham

com esse modelo. A norma padrão ficou parada no tempo, e infelizmente tudo que vem antes e depois dela é considerada errada.

De acordo com Bagno (1999), o preconceito linguístico é resultante de um padrão imposto por uma elite econômica e intelectual que considera como “erro” e inaceitável tudo que se diferencie de um modelo. O preconceito linguístico é, portanto, todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social.

Tudo que é novo na língua e que parece ser uma evolução da língua é considerado erro para a norma padrão. Qualquer inovação na língua é considerada erro, porque não corresponde ao que está padronizado. Formas também que anteriormente ficaram conservadas e retornaram a surgir na língua são consideradas erros, pessoas que conservam uma forma antiga de falar. A noção de erro também aparece na questão sociocultural, o erro geralmente é encontrado na fala daquelas pessoas que não ocupam postos privilegiados na sociedade.

Sobre o estranhamento no jeito de falar, ainda os estudantes responderam:

Pois cada cidade e estado contêm seu sotaque. (Estudante 41)

Por causa do sotaque (Estudante 22)

Costuma acontecer devido a mistura de culturas e etnias de um lugar. (Estudante 68)

Sim. Pelo sotaque no qual nós capixaba usamos no nosso dia-a-dia. (Estudante 51)

As pessoas pobres, analfabetas, da zona rural, essas são pessoas cuja fala é imediatamente considerada errada, na maioria das vezes não apenas pelos fatos linguísticos, mas, por uma condição social da pessoa. Isso é a origem do que chamamos preconceito linguístico, isto é, um disfarce. A língua é usada como uma desculpa para discriminar a pessoa pela sua condição social.

O preconceito linguístico pode se apresentar de formas diversas, tais como: socioeconômico, regional, cultural. A falta de acesso à educação e cultura pelas classes mais pobres torna o preconceito linguístico econômico o mais comum. As

classes mais pobres dominam apenas as variedades linguísticas mais informais e, portanto, de menor prestígio. O preconceito linguístico regional se junta ao preconceito econômico, onde indivíduos que ocupam as regiões mais ricas do país geralmente manifestam algum tipo de aversão aos sotaques regionais, tipicamente também de regiões mais pobres do país. No Brasil, há uma forte aversão por parte da elite intelectual à cultura de massa e às variedades linguísticas por ela usadas. Para Bagno (1999) o preconceito linguístico é essa rejeição a variedades linguísticas de menor prestígio.

Ao expor que dependendo da cidade, ou de um estado para o outro, poderia sofrer discriminação sobre o jeito de falar, o Estudante 16 está justamente falando do preconceito cultural, inclusive enfatizando que nem todas as cidades tem a mesma cultura. Muitos dos estudantes entrevistados acreditam que seriam vítimas de preconceito.

A principal consequência desse preconceito linguístico é uma acentuação dos demais preconceitos relacionados a ele, dentro os quais podemos destacar o racismo e a homofobia. A comunidade LGBT tem sua linguagem rotulada, por suas gírias e que sofrem preconceitos por parte daqueles que infelizmente denotam aversão a esse grupo social.

No Brasil, ainda elementos da cultura negra são segregados por uma parcela da população e isso também se reflete na linguagem e seus significados. O indivíduo segregado por apresentar sotaque de uma determinada região ou pertencente a um certo grupo social, continuará sendo visto de forma estereotipada, sendo motivo de risco de diversas formas de violência.

O preconceito linguístico no Brasil é muito perceptível tanto no âmbito regional quanto no âmbito socioeconômico. Nos grandes centros populacionais encontram os agentes que monopolizam cultura, mídia e economia. Muitas vezes as vítimas são as das regiões mais pobres ou atrasadas culturalmente. Há uma discrepância entre Sul e Sudeste e o Norte e nordeste do país.

O preconceito econômico no Brasil é direcionado da elite econômica para as classes menos privilegiadas. Segundo Bagno (1999), muitas pessoas usam a língua

como uma ferramenta de dominação, alegando que o desconhecimento da norma-padrão representa um baixo nível de qualificação profissional. Esse tipo de preconceito linguístico, de acordo com Bagno, leva muitas pessoas a permanecerem em empregos precários com remuneração inadequada. Em resumo, o preconceito linguístico desempenha um papel importante na perpetuação da divisão de classes no Brasil.

Esse preconceito geralmente é dirigido às variantes linguísticas mais informais associadas às classes sociais menos privilegiadas, que frequentemente têm acesso limitado à educação formal ou recebem uma educação de baixa qualidade.

A mudança linguística, a conservação de formas antigas de falar e a dinâmica social, são três situações que são consideradas erros na língua. Situações que levam a identificar que uma pessoa supostamente fala melhor ou pior uma língua

A conscientização do aluno sobre as diferenças da sua forma de falar, sem importunar, humilhar, sem causar prejuízo no processo é mais difícil. Então as vezes o professor não pode interferir imediatamente. É interessante observar as características psicológicas do aluno. Fazer uma intervenção respeitosa e sistemática. Um tratamento inadequado e desrespeitoso com a fala do aluno pode provocar um desinteresse pelo aprender o conteúdo e ficará com receio de se expressar.

A norma padrão que aparece codificada nas gramáticas tradicionais é realmente inalcançável. As pessoas tem dificuldades de entender o que é o erro. Nossa intuição linguística é muito mais forte, e apesar de estar pensado que estamos seguindo um padrão, podemos estar diferenciando do padrão. Aparece várias coisas que já faz da cultura atual e está lá considerado como erro pela norma padrão.

Possenti (2012) dispõe que principalmente os nossos estudantes da escola pública tem o direito de saber como eles devem falar, como eles se movimentam de um lugar para outro, como fazer a adequação da linguagem a determinados

ambientes, como eles podem entender todos os textos, quais os direitos eles têm de adentrar em todos os lugares e de entender tudo que se passa e ser reflexivo.

Compreender que a língua não é só regras, a língua é trabalhada de forma a fazer sentido. Como ler uma obra literária e entender. Que ele pode entender uma propaganda e ver o que está subjacente e as críticas que está nela, os efeitos que estão subjacentes. Temos que ensinar a ler além do que está escrito e que está dito. Os efeitos do sentido.

É interessante que aprendam a norma padrão, para usar em determinadas situações quando necessário, mas, não gerar uma culpa se está fazendo certo ou errado em determinadas situações de uso da língua.

De acordo com Antunes (2007) a língua é, na verdade, um conjunto (léxico e gramática) materializado em textos, que permite a atividade significativa das atuações verbais. Assim, é impertinente considerar que a gramática é a língua, ou que toda a língua é constituída apenas da gramática.

Segundo Piaget (1995), o ambiente social desempenha um papel crucial na assimilação cognitiva, e a acomodação, ou seja, a consolidação do conhecimento, ocorre somente quando o aluno está motivado e verdadeiramente interessado na aula, seja por razões profissionais ou pessoais.

O ensino da língua portuguesa tem como objetivo preparar o aluno para lidar com a linguagem em diversas situações de uso e manifestações comunicativas, incluindo as de natureza estética. Após o aluno adquirir domínio da língua materna, cabe ao professor direcioná-lo ao acesso às demais áreas do conhecimento. Assim, o professor não deve se limitar a abordar apenas nomenclatura e listas de exercícios focados em definições, classificações e exercícios relacionados a classes de palavras.

O ensino não deve constituir-se apenas de lições gramaticais, pois, a gramática não é capaz de preencher todas as necessidades de interação do sujeito, quais sejam, falar, escutar e fazer leituras e inclusive deve levar em consideração a diversidade vocabular dos estudantes, sejam elas sociais, geográficas, históricas ou quaisquer outras.

A mudança na língua na sociedade é muito rápida, maleável, flexível, o importante é adquirir os instrumentos linguísticos necessários para levarmos a vida em sociedade.

O desenvolvimento do saber linguístico deve ser desenvolvido com os conhecimentos prévios dos estudantes e implica, leitura compreensiva e críticas de textos diversos: produção escrita em linguagem padrão; análise e manipulação da organização estrutural da língua e percepção das diferentes linguagens como forma de compreensão do mundo.

Na maioria das escolas o que tem prevalecido é o foco no ensino da gramática. Há uma série de mitos com relação ao uso da gramática, inclusive aquele de achar que a gramática é a solução para todos os problemas da comunicação, para a interação verbal. Se o aluno estudar gramática compreenderá muito bem o que as pessoas dizem, ler qualquer coisa e entende e ainda escreve com facilidade. Estudar gramática é a solução.

Na educação básica é muito importante que o professor fale com seus alunos dessa dinâmica da língua e não ficar corrigindo o certo e o errado. A pessoa que chega a escola para receber uma educação linguística não traz essa educação já de casa, por isso, não devemos considerar sua fala como errada e nem tão pouco, cobrar deles um conhecimento que eles não tem. Eles já têm um conhecimento de sua língua, mesmo antes de chegar à escola. O que a escola deve fazer é ensinar outra forma de falar e adentrar ao mundo da escrita.

Embora, sozinha a gramática não seja suficiente para atender aos ditames da língua, ninguém fala, ouve, lê ou escreve sem ela. A interação verbal requer o conhecimento do real ou do mundo, das normas de textualização e o conhecimento das normas sociais de uso da língua.

A verdade é que a língua não é constituída apenas de uma gramática, ela é constituída também de gramática. Uma língua para funcionar precisa também de um acervo de palavra, de um repertório de palavra que serão organizadas de forma a produzir sentido, as palavras isoladas também não significam muito, é necessária uma produção de sentido.

A função da escola é ensinar e não julgar certo ou errado na fala do aluno. É necessário sempre avaliar numa dinâmica social mais ampla. As noções do que é certo ou errado vai mudando com o tempo.

Não é pertinente orientações de que “não é para ensinar gramática”. Não se deve ensinar apenas a gramática, muitos professores ainda pensam que ensinar nomenclatura gramatical é ensinar gramática, quando na verdade o ensino vai muito além. Estudar além da gramática leva ao conhecimento de outros saberes que ao lado do conhecimento da gramática são imprescindíveis.

O estudo da gramática é necessário para que o estudante atue de forma mais eficaz nas diversas situações da vida social: falando, lendo e escrevendo textos de diferentes gêneros textuais. A gramática descontextualizada não faz muito sentido. A língua é um sistema de sinais que funciona a partir da composição de uma gramática e de um léxico, esse conjunto de palavras que organizado produz um sentido na comunicação.

Porque há na escola um privilégio da gramática, porque há pouco estudo sobre o léxico, o repertório dos alunos, as atividades são poucas e pouco significativas. Há pouca exploração do vocabulário nas atividades. O que nós dizemos, o que nós lemos e escrevemos está ancorado no léxico e não somente na gramática.

Essa dificuldade entre o léxico e as normas parece que na escola ainda não percebeu isso. Muitas vezes essa dificuldade que a escola tem de romper essa tradição de fixar o ensino da língua em torno da gramática é reforçada pela comunidade escolar. Muitas vezes pais, que estudaram a mais de quarenta anos e estão presos a uma experiência de escola que eles julgam terem dado certo em outras épocas, outros tempos e outros contextos culturais e ficam as vezes solicitando das escolas mais ensino de gramática.

É na maioria das vezes não um ensino de gramática em si, da gramática como regra de uso para fazer sentido, é uma gramática de nomenclatura de definição de compreensão da propriedade de um termo ou outro, muitas vezes sem

nenhuma consistência, e isso faz com que o estudante encontre entraves na aprendizagem da língua.

Sim. porque é difícil de dominar. Mas se adquirido trás bons benefícios. (Estudante 49)

Eu não gosto da língua portuguesa, porque é muito complicada. (Estudante 22)

Porque além de ser mais difícil de ser aprendido e de aprender (Estudante 53)

A complexidade já começa lá na primeira infância, no processo de alfabetização, com conceitos complexos que demandam uma fundamentação teórica mais ampla. Esse ensino que tenta trazer uma compreensão reduzida e simplista, como por exemplo a solicitação de que o aluno forme frases com palavras pré definidas. No contexto social nunca somos solicitados a formar frases, porque isso tem que ser ensinado e logo lá na primeira infância com toda essa complexidade.

De acordo com Antunes (2012), no contexto social somos solicitados a dizer coisas, com determinadas finalidades, a fazer perguntas, a dar respostas, pedir informações, a defender ou refutar pontos de vistas, a apresentar uma ideia. São ações que a gente realiza com a linguagem. Uma frase só tem relevância se ela for a expressão de uma finalidade comunicativa qualquer pretendida pelo sujeito.

Os professores precisam ter uma visão mais ampla, sociológica, antropológica, cultural, para não entrar na dinâmica do certo ou errado e utilizar isso para diminuir as pessoas ou excluir. Existe uma fala e uma escrita incorreta, tem pessoas que não tem o poder do conhecimento. Falar bem e escrever bem precisa ser bem explicada na escola.

A expressão de uma comunicação portanto, não é uma frase isolada, ela é parte de um texto, parte de um texto se tiver em um diálogo, construindo um texto com outra pessoa. Os professores tem uma certa desconfiança de que forma vai ensinar, porque os próprios cursos de formação não dão segurança na formação teórica, nas definições e fundamentações teóricas um tanto quanto descontextualizada e os professores acabam fazendo mais do mesmo, indo na base

e repetindo o nosso trabalho de professor em velhas fundamentações pedagógicas, e a escola fica praticamente fazendo o mesmo.

É necessária uma ampliação do ensino e do objeto de ensino ou dos objetivos do ensino, porque essa super valorização da gramática. A língua não é apenas constituída de uma gramática, ela é constituída de uma gramática, de um léxico enquanto sistema. De acordo com Antunes (2012), a língua enquanto uso, enquanto atividade ela supõe uma gramática, um léxico, um conhecimento de mundo, um conhecimento das regularidades textuais e ela supõe inclusive um conhecimento das normas e das regras sociais com as quais interagimos.

Aos professores falta uma fundamentação teórica para uma atuação no ensino da língua. Não se pode construir textos apenas a partir da ortografia das palavras. As palavras são escolhidas em função dos sentidos. A escolha tem uma base, pragmática e não ortográfica. É importante ampliar as nossas bases teóricas para que possamos fazer acontecer na escola um ensino da língua mais relevante, mais produtivo e inclusive mais fascinante para os nossos alunos. Um ensino que promova a descoberta do grande papel da linguagem na constituição de nós mesmos e na constituição do mundo.

Conforme dispõe o *Estudante (54)* ao falar sobre a importância do ensino de língua portuguesa. “*Ela nos ensina a si comunicar de forma correta*”. É muita responsabilidade para o professor que se dispõe a ensinar a língua.

Pessoas que passaram pela experiência de estudar português aprenderam outras coisas como que não sabem falar, que a língua portuguesa é muito difícil e sobretudo aprenderam a não gostar de estudar esta coisa chamada língua ou linguagem. É necessário rever certos procedimentos da escola e principalmente a formação dos professores, que são os responsáveis por esse trabalho de estudar com os alunos as questões da linguagem e torna-los sujeitos dessa linguagem cada vez mais eficientes.

Uma série de tópicos poderia entrar nesse estudo do léxico, sem essa visão do “certo” e do “errado”. As relações de sentido entre as palavras. É importante dar mais relevância ao sentido da palavra. E até no estudo da morfologia da palavra e

do sentido da palavra, que fizéssemos isso em função do sentido da palavra. Os prefixos, sufixos, as derivações poderiam ser estudadas em função dos sentidos. A sinonímia, a antonímia, são questões que daria um programa bem amplo para trabalhar em sala de aula, porque geralmente é feita de uma forma muito reduzida.

O léxico dá a impressão de ser parado, mas o dicionário se fosse atualizado todos os dias, todos os dias ganharia novas palavras. Porque somos sujeitos da nossa língua e essa condição de sujeito se expressa muito no léxico. A gramática é mais limitante do que o léxico. O léxico lida diretamente com o sentido é menos limitante do que a gramática.

Para a formação de professores é necessário conhecimento e diferenciação, para que possa atuar com mais segurança em sala de aula. A gramática é uma parte da língua que regula os usos ou o funcionamento dessa língua. A gramática dita como organizar as palavras. A padronização de onde as palavras deve ser arrumada, sequenciadas, cada uma com seu papel, com sua função sintática e o seu papel semântico é organizado pela gramática da língua.

A linguística estuda questões gramaticais, estuda o léxico e dentro da linguística tem tratos semânticos, sintáticos, lexical. Há várias subáreas dentro da linguística. E a linguística pode se relacionar com a sociologia, sociolinguística, antropolinguística, psicolinguística ou uma análise do discurso. Tem diferença entre o estudo da gramática e o estudo da linguística.

Ensinar gramática é ensinar a ler, escrever e falar. É inevitável ensinar a língua sem ensinar gramática. Mas não há necessidade de nomenclatura e classificação. É interessante aprender a reconhecer os instrumentos da língua.

4.4 CONHECIMENTO SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Os alunos foram questionados se tinham conhecimento sobre preconceito linguístico, se já tinham ouvido falar sobre o tema. As respostas são concatenadas no gráfico 3.

A variedade linguística existente no Brasil ainda é pouco trabalhado nos espaços educacionais. Permanece o culto da norma padrão, a mais socialmente aceita, conforme elucidado nas respostas dos estudantes a entrevista, e portanto, muitos não compreendem que a não valorização e o desrespeito a sua forma de se comunicar, sua forma de falar, é um preconceito, mesmo que a maioria dos entrevistados já tenham ouvido falar de preconceito linguístico.

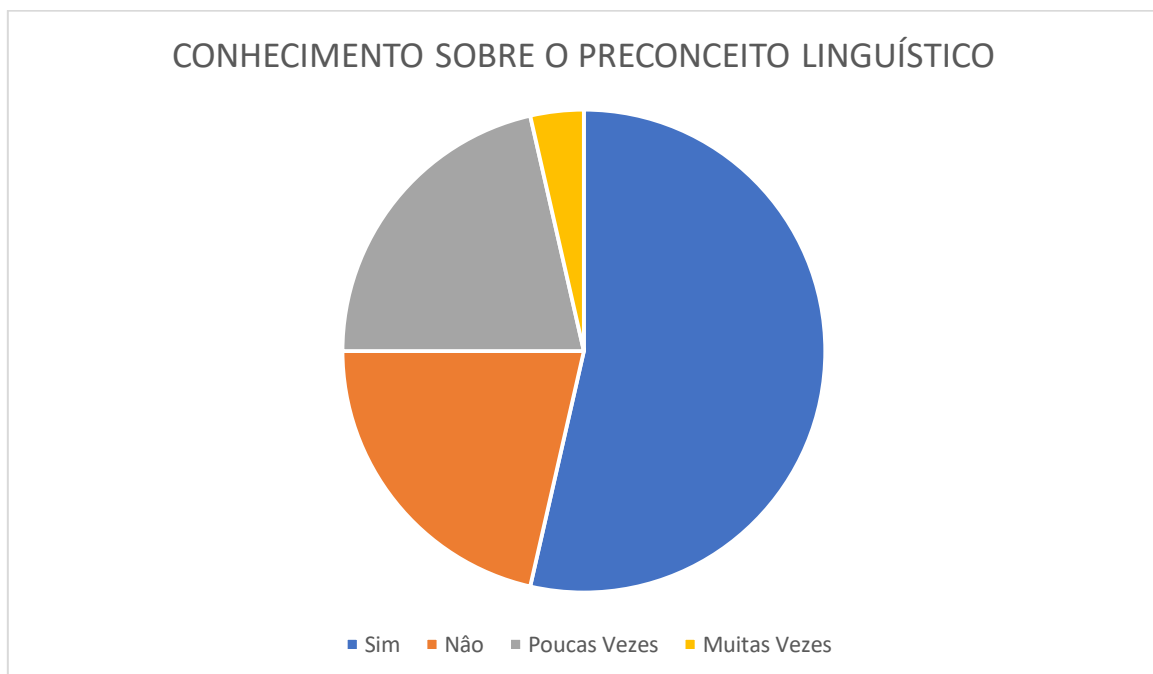


GRÁFICO 3 – Conhecimento sobre preconceito linguístico.

Conforme os dados obtidos durante a entrevista, é evidente que muitos estudantes já têm conhecimento sobre o fenômeno do preconceito linguístico. O preconceito linguístico, de acordo com o renomado linguista Bagno (1999), refere-se à discriminação das variedades linguísticas consideradas de menor prestígio. Esse tipo de preconceito está intrinsecamente relacionado a outros preconceitos, como os de natureza regional, cultural, socioeconômica, entre outros. No contexto brasileiro, o preconceito linguístico tem um impacto especialmente significativo nas regiões mais economicamente desfavorecidas do país e nas áreas urbanas densamente

povoadas. Para combater o preconceito linguístico, torna-se imperativo incluir o ensino da adequação linguística nas escolas e promover o respeito, por parte da mídia, pelas diversas variantes da língua.

O preconceito linguístico muitas vezes leva os indivíduos a se sentirem envergonhados ou intimidados diante da possibilidade de cometerem erros na língua portuguesa. Bagno (1999) também observa que a elite linguística age como se o domínio da regência "correta" de um verbo, por exemplo, conferisse alguma forma de vantagem, superioridade ou acesso a um círculo exclusivo de privilegiados.

No quadro da interação verbal, o ensino da língua se revela como objetos complexos. A língua não é difícil, a língua é complexa. O ensino da língua mobiliza mais do que a linguística, não adianta só saber língua para ensinar uma língua e desenvolver competência comunicativa.

Os elementos das ações verbais, da linguagem, que supõem o léxico e a gramática formam apenas parte do conjunto de fatores que lhe concede sentido e significação social, mas não sendo os únicos que dão significado a língua. Falha quem considera a atividade de linguagem sendo constituída apenas de léxico e gramática.

Só saber o uso das regras lexicais e gramaticais não preenche todas as exigências da compreensão e da produção de nossas ações de linguagem ou atividades de linguagem. Sempre que se fala se pratica uma ação, daí a importância de cunhar o termo, ação de linguagem. Sejam explicar, constatar para interferir, ou seja, sempre que se fala é em função de algum propósito comunicativo.

A forma ideal de ensinar gramática, é não ensinar gramática, e depende também do conceito de gramática que o professor tem. Se gramática é o ensino da nomenclatura tradicional isso não precisa ser ensinada, isso é para os linguistas, a terminologia é muito controversa e ensinar gramática tradicional não vai levar a ler, escrever e falar bem. A nomenclatura e classificação não pode ser o fim da educação linguística, o fim da educação linguística é ensinar o sujeito a ler e escrever bem.

A língua materna pode dialogar com a língua padrão, através da leitura, a pessoa vai tendo acesso aos diversos gêneros textuais e aos poucos elas vão reconhecendo a plasticidade da língua. É interessante colocar as pessoas para ler e escrever. É importante a introdução da pessoa no mundo letrado, para que ela possa refletir sobre a língua. É interessante levar a pessoa a ler e escrever, o objetivo do ensino da língua na educação básica.

A língua materna pode dialogar com a língua padrão, através da leitura, a pessoa vai tendo acesso aos diversos gêneros textuais e aos poucos elas vão reconhecendo a plasticidade da língua. É interessante colocar as pessoas para ler e escrever. É importante a introdução da pessoa no mundo letrado, para que ela possa refletir sobre a língua. É interessante levar a pessoa a ler e escrever, o objetivo do ensino da língua na educação básica.

É interessante saber que já existe um conhecimento acumulado sobre o ensino da língua portuguesa, o professor deve buscar esse conhecimento. Uso, reflexão e uso da gramática. Essa proposição tem sido feita nos parâmetros curriculares.

4.5 PRECONCEITO LINGUÍSTICO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Os educadores já observaram a presença do preconceito linguístico não apenas em obras literárias, mas também em nossa gramática e em materiais didáticos. Essa conscientização foi promovida por meio de debates, leituras científicas e participação em conferências. No entanto, a dificuldade persiste devido à falta de material impresso que apoie a abordagem de determinados conteúdos. O professor desempenha um papel crucial como agente de mudança na atitude em relação ao preconceito linguístico. Bagno (2015, p. 166) destaca que "em vez de simplesmente repetir algo, o professor deveria refletir sobre isso". Portanto, no processo de ensino, é essencial dedicar tempo à reflexão sobre a prática.

Os estudantes foram questionados se já tinham sofrido preconceito linguístico. O gráfico 4 apresenta o padrão de respostas obtidas na entrevista.

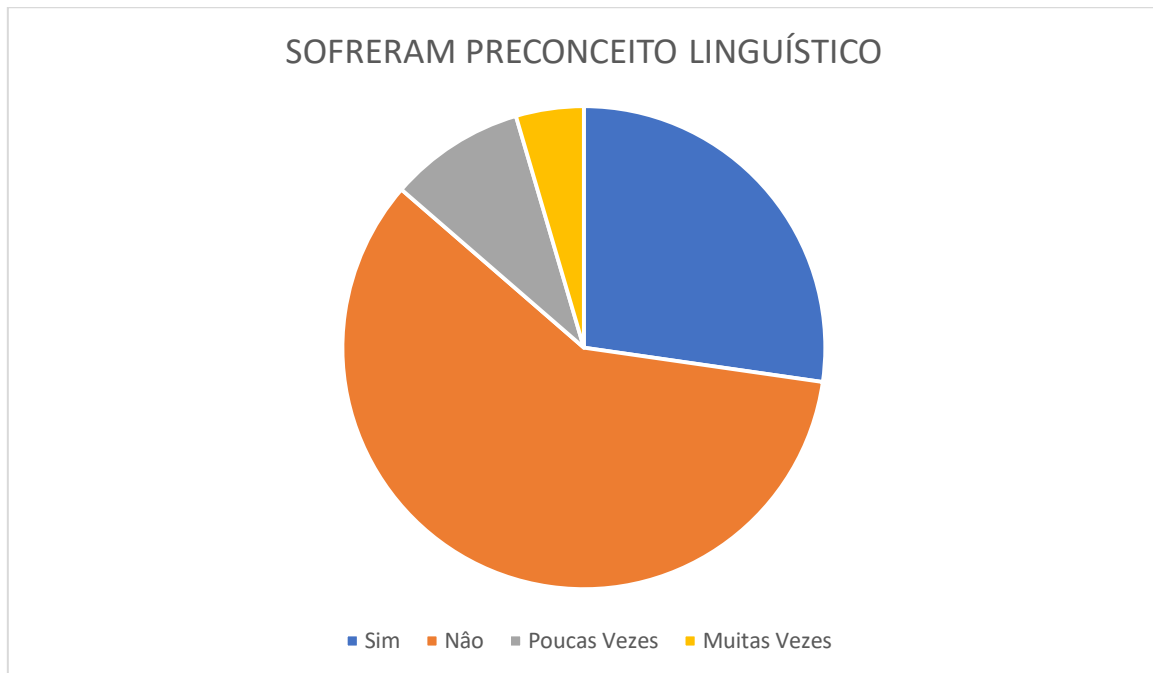


GRÁFICO 4 – Estudantes que já sofreram preconceito linguístico

O gráfico 4 apresenta resultados que demonstra que um grande contingente dos estudantes disse não ter sofrido preconceito linguístico, muitas vezes isso decorre do fato de nem terem consciência do que seja o preconceito linguístico, pois as diversas falas estão sempre relacionadas quanto ao português padrão que é ensinado na escola e esse como muitos dizem é lá para a escola.

A pronuncia correta só é verificada quando a fala é monitorada, em uma comunicação casual a pessoa não vai ficar se vigiando com o uso das palavras. O Preconceito linguístico é de acordo com Bagno (PARABOLA EDITORIAL 2022), é na verdade um disfarce para um preconceito social mais amplo. Muitas vezes uma pessoa não tem coragem para discriminar outra pessoa, por gênero ou cor, usa a língua como uma forma de falar da pessoa.

O preconceito linguístico é um preconceito social e entra no pacote de preconceitos que são tão fortes na nossa sociedade. O racismo, o sexismo, a homofobia, o preconceito contra as pessoas pobres.

As variedades linguísticas precisam ser trabalhadas pelo professor no processo de ensinar, e sua formação também deve incluir disciplinas que o capacite a trabalhar esses temas que irão contribuir para a melhoria no ensino de língua portuguesa na educação básica.

Do ponto de vista escolar, o “erro” de português pode ser uma fonte de estudo, levar o estudante a explorar e compreender porque está incorreto. A escola cabe o papel de ensinar. O “erro” muitas vezes faz parte do processo de aprender, a partir de um erro de ortografia o professor pode levar o estudante a aprender.

Tirar esse caráter de erro é muitas vezes uma forma de aprender. Aproveitar os erros para aprender sobre o estudante, suas ideias, sua compreensão de mundo e a partir daí fazer uma correção. Uma mudança de postura diante da tarefa de ensinar.

Diversas situações demandam comportamentos variados. Bagno (1999) destaca que qualquer julgamento de valor negativo, como reprovação, repulsa ou desrespeito, em relação às variedades linguísticas de menor prestígio social constitui preconceito linguístico. Um aluno excluído em sala de aula, por exemplo, devido ao uso de uma variedade informal da língua, pode encontrar barreiras que o impedem de expressar opiniões, esclarecer dúvidas e, conseqüentemente, se comunicar oralmente, perpetuando assim sua exclusão.

O preconceito linguístico acarreta diversas conseqüências, sendo uma das mais evidentes a intensificação de outros preconceitos relacionados a ele. Um aluno segregado devido ao sotaque de uma região específica continuará sujeito a estereótipos, tornando-se motivo de risos ou chacotas, e assim por diante.

No processo educativo não é necessário rotular o “certo” e “errado” numa fala normal e cotidiana. O importante é que haja comunicação e transformação de mundo pelo uso das palavras. A escrita sim, esta precisa ter regras e ortografia e todo um complexo sistema de construção. Do ponto de vista da linguística teórica, considera-se erro coisas que vão contra a intuição linguística, aquela gramática internalizada. A noção de erro é uma construção social, a língua vai mudando e o

que é erro em um determinado momento pode ser considerado correto em outras situações.

Possenti (2013) dispõem que o principal item na formação do professor de língua portuguesa deveria ser a ausência total de preconceitos em relação a qualquer manifestação linguística, escrita ou falada. Antes de condenar, deve aprender a entender e a analisar.

Não é raro que os professores se deparem, em suas salas de aula, com uma diversidade de realidades linguísticas. Mesmo dentro de uma mesma cidade e turma, é possível encontrar alunos provenientes de regiões diferentes, classes sociais diversas, com distintas orientações religiosas e experiências educacionais variadas. Bagno (1999) destaca que não existe uma maneira "certa" ou "errada" de utilizar a língua, e o preconceito linguístico, originado pela ideia de um padrão correto baseado na gramática normativa, é um fator contribuinte para a exclusão social.

Não é intenção a defesa de que o ensino da Língua Portuguesa não seja pautado na norma culta, mas, que o conhecimento e o falar de determinadas classes não seja menosprezado em função de uma norma considerada culta.

Conforme observado por Bezerra (2010, p. 39), o ensino de Língua Portuguesa no Brasil tradicionalmente adotou uma abordagem centrada na Gramática Normativa, com ênfase em sua perspectiva prescritiva, onde um conjunto de regras a serem rigidamente seguidas era imposto aos alunos. Nessa concepção de ensino, prevalecia a prática de realizar exercícios de análise e classificação de elementos da Gramática Normativa, frequentemente utilizando frases isoladas e descontextualizadas.

Entretanto, na década de 80, começaram a surgir diversos estudos da Linguística Contemporânea, englobando áreas como a Corrente Funcionalista, a Linguística de Texto, a Análise do Discurso, a Pragmática e a Sociolinguística, entre outras. Esses estudos desencadearam mudanças profundas nos princípios orientadores do ensino da Língua Portuguesa e, conseqüentemente, nas práticas pedagógicas associadas ao ensino dessa disciplina.

Nesse contexto, Santos (2002, p. 30-31) destaca que houve uma transição significativa no sentido de promover a aprendizagem da leitura e da escrita por meio de situações reais de produção textual. Houve uma mudança de ênfase, afastando-se do ensino voltado para a memorização de regras da gramática normativa e terminologias específicas.

4.6 ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA COM BASE NA BNCC

O ensino, a aprendizagem e a educação ficaram de lado em nosso país no último momento de governo. Nesse espaço a intenção é refletir sobre o ensino de língua portuguesa com enfoque na Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) à BNCC quais as mudanças foram implementadas.

Conceitos de ensinar e aprender

As condições de trabalho são importantes e elas trazem elementos que nos permite refletir sobre o agir real do professor na interação didática da sala de aula e o agir representado quando o professor vai refletir sobre sua prática e falar sobre o seu trabalho.

Existe muitas diferenças entre o real e o representado. As condições desfavoráveis ao trabalho do professor muitas vezes são conflituosas que ressaltam intenções e impedimentos, são os moduladores do trabalho do professor. Isso é observado nas falas: eu devia, eu podia eu queria fazer. Entre o que ele faz e o que ele gostaria de fazer a uma grande diferença. Isso é percebido no agir representado pelo professor quando ele fala sobre o seu trabalho. No caso da agir prescrito o contexto é bem diferente, estamos no plano das intenções, do planejamento e no dever de fazer.

O que é prescrito nos documentos oficiais, aqui falando sobre os PCNs e na BNCC que é para nós professores uma referência no Brasil para a formulação dos

currículos. Dos PCNs para a BNCC houve algumas mudanças significativas, as escolas já alinhadas a última Lei de Diretrizes e Base da educação (LDB), para o ensino e a aprendizagem.

Essas mudanças rompem com concepções ancoradas na LDB anterior Lei 5692/71 que ainda estavam presentes na LDB/92. Essas mudanças foram ampliadas com a BNCC. Na BNCC o ensino e a aprendizagem na área de conhecimento linguagem, que acolhe o componente curricular de língua portuguesa e suas competências específicas temos outros componentes curriculares. Para garantir o desenvolvimento das competências específicas da língua portuguesa, cada componente curricular apresenta um conjunto de habilidades e essas habilidades estão relacionadas a diferentes objetos de conhecimento, organizados em unidades temáticas.

Um primeiro ponto é ter a língua portuguesa como um componente curricular, mas esta também é vista como o idioma dos brasileiros. Nos PCNs tínhamos a língua portuguesa como a língua materna e na BNCC temos a língua portuguesa do Brasil e isso é muito representativo para nós professores.

O agrupamento de gêneros nos novos documentos, nos PCNs a orientação foi para o agrupamento dos gêneros textuais e agora o agrupamento é para campos de atuação. Quando tomamos como referência os campos de atuação a gente pensa está privilegiando as classes sociais e que está privilegiando as práticas de linguagem. Agrupar os gêneros o foco seria a textualização e no campo de atuação a lógica é diferenciada, estamos no contexto de produção daquele gênero e dentro desse contexto a gente visualiza campo de atuação de onde surge esse gênero.

O terceiro ponto da mudança é a ampliação do uso de textos oriundos do meio virtual, a análise linguística recebe o elemento semiótica e isso exige uma revisão no próprio conceito de texto. Isso não erra algo recorrente nos PCNs e nem oficializado, embora já presente a tecnologia, a área de linguagem e suas tecnologias, agora com a BNCC a ênfase é bem maior a essa questão. Agora as orientações são para todas as etapas da educação básica.

A oralidade se sustenta em sala de aula com sua presença na lista de atividades. Nos PCNs havia a presença do gênero oral na sala de aula, mas na BNCC ele vem assumindo um status mais delineado e com mais presença.

Em síntese, podemos elencar as mudanças dos PCNs para a BNCC em cinco pontos principais:

1. A língua portuguesa é um componente curricular e também o idioma dos brasileiros (a língua portuguesa do Brasil);
2. Agrupamento de gêneros e Campo de atuação;
3. O texto oriundo do meio virtual;
4. Análise linguística e Análise linguísticas /Semiótica;
5. A oralidade como Eixo.

O interesse pelos componentes linguísticos das ações verbais deve considerar a língua em uso, a língua em seu funcionamento interativo, o que favorecerá uma compreensão mais ampla e consistente, mais real da função do léxico na estruturação dessas ações.

Existe uma complexidade própria das ações verbais, propomos que o estudo do léxico seja feito não apenas com base nas relações criadas no interior dos textos, mas, também leve em consideração a interrelação que na dimensão dos usos existe entre o linguístico e o sujeito. Fazemos uso da língua para falar do mundo, para falar de nós, para falar dos outros, da realidade.

Dispomos de um esqueleto teórico que se desdobra em dois eixos fundamentais para a linguagem: o uso social da linguagem sempre atrelado a uma função comunicativa e a efetivação desse uso em texto. A linguagem é sempre usada em textos, textos que são inseridos em determinado contexto com a função comunicativa.

A perspectiva da língua como ação afastou a linguística dos estudos da língua como sistema autônomo, como um conjunto de signos em potencial, vistos em seus

valores imanentes e abstratos, fora portando das decisões contextuais, concretas e heterogêneas. A linguagem é uma forma do homem atuar, agir sobre mundo, sobre os outros e sobre si mesmo. Pensar em qualquer língua é pensar nessa sua inserção decorrente de decisões concretas, contextuais e heterogêneas.

Paralelo ao conceito de competência linguística, ganhou evidência o conceito de competência comunicativa. A concepção pragmática de que usar a linguagem é atuar socialmente é agir. Ao falar o sujeito pratica uma ação, sempre fala com algum propósito. O sujeito explica, defende, elogia, enaltece, destaca, sempre tem um objetivo na fala, sempre se fala com algum propósito. Não existe o falar por falar nessas teorias. É agir e poder intervir sobre os outros e sobre os fatos da realidade.

Nossas ações verbais não mobilizam apenas elementos linguísticos do léxico e da gramática. É necessário ser dito na formação de todos os professores de língua que não usamos apenas recursos linguísticos e muito menos apenas recursos gramaticais. E muito menos ainda nomenclatura gramatical. Fazemos uso do léxico e dos recursos gramaticais.

4.7 BNCC e o componente de língua portuguesa.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um documento de natureza normativa que estabelece o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem adquirir ao longo das diversas etapas e modalidades da educação básica. Sua organização é pautada pelos princípios éticos, políticos e estéticos, visando a uma formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. A BNCC está alinhada ao Plano Nacional de Educação Brasileira (PNE) e à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1992 (LDB/92), embasando-se nas diretrizes curriculares e seguindo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Este documento encontra-se integrado a um conjunto de documentos oficiais, ancorando-se neles.

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidas nas últimas décadas buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das

práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das Tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). (BRASIL, 2018, p,65)

Na BNCC a construção do plano textual relacionada ao componente curricular língua portuguesa, segue o percurso que contempla os seguintes elementos:

1. Eixos de integração e práticas de linguagem
2. Campos de atuação
3. Objetos de conhecimento
4. Habilidades (394)
5. Competências (10).

É no dinamismo desses elementos que temos que pensar o ensino e aprendizagem da língua portuguesa. O professor terá que desenvolver o seu ensino dentro desse contexto e, portanto, precisa estar situado para atuar como professor. Esses elementos estão articulados e se complementam para traçar o desenho de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

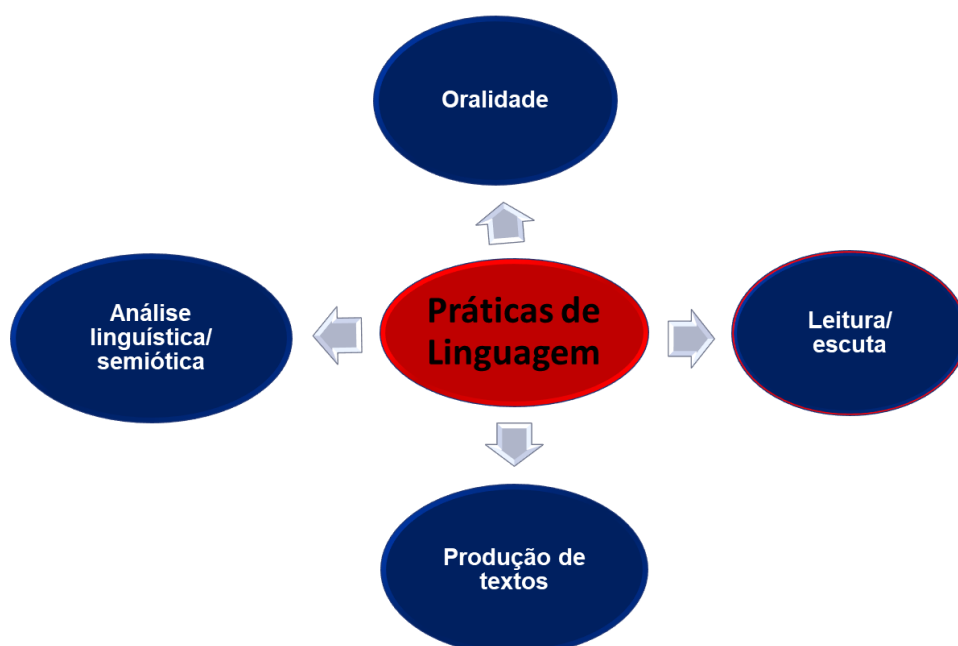


Fig.2. Os quatro eixos de integração das práticas de linguagem na BNCC

Disponível em: Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 17/09/2023.

Os quatro eixos de integração da área de língua portuguesa na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) estão interconectados. A nova proposta coloca o texto no centro do ensino da língua, adotando uma abordagem enunciativo-discursiva que visa sempre contextualizar os textos em relação aos seus contextos de produção. A ênfase está na promoção do desenvolvimento de habilidades para a utilização significativa da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em diversas mídias e semioses (BRASIL, 2018, p. 65).

As habilidades linguísticas estão relacionadas aos eixos, que correspondem a quatro tipos de práticas específicas associadas aos diversos usos da linguagem. A ênfase dada a cada uma delas pode variar de acordo com o nível de ensino. Estas práticas, quando inseridas nos cinco campos de atuação, destacam a importância de contextualizar o conhecimento escolar. Esses campos abrangem a vida cotidiana nos anos iniciais da educação, o campo artístico-literário, as práticas de estudo e pesquisa, o campo jornalístico/midiático e o campo de atuação na vida pública.

LEITURA: Envolve o desenvolvimento da interação ativa do leitor, ouvinte ou espectador com textos escritos, orais e multissemióticos, com o objetivo de compreender e interpretar esses textos. Essa habilidade é fundamental, por exemplo, para apreciar esteticamente obras literárias ou para adquirir informações sobre questões sociais relevantes e participar de discussões sobre esses temas.

PRODUÇÃO DE TEXTOS: Abrange o desenvolvimento da capacidade de produzir textos escritos, orais e multissemióticos com autoria individual ou coletiva. Isso inclui a criação de narrativas críticas, líricas ou humorísticas em crônicas, bem como a divulgação de conhecimentos específicos por meio de reportagens e outros tipos de textos.

ORALIDADE: Engloba a prática de linguagem em situações de comunicação oral, seja em interações presenciais ou à distância, como webconferências profissionais, seminários escolares ou recitação de poemas.

ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA: Envolve a análise e avaliação, durante a leitura e produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das formas de

composição dos textos, do contexto de sua produção e dos efeitos de sentido que eles transmitem. Essa habilidade permite mobilizar conhecimentos ortográficos, sintáticos, discursivos, entre outros, para produzir textos com significados mais precisos.

Competências específicas de Língua Portuguesa na BNCC

1. Compreender a língua como fenômeno cultural histórico social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

A partir da linguagem nós facilmente podemos identificar de onde a pessoa vem, portanto é algo muito marcante na vida do ser humano.

Nos documentos oficiais que orientam o ensino de língua, o conceito de letramento também é bastante difundido. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) apontam como responsabilidade da escola “garantir a todos os alunos o acesso aos saberes lingüísticos necessários para o exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, p. 19). O documento conduz à reflexão de que a responsabilidade é maior à medida que seja menor o “grau de letramento das comunidades em que vivem os alunos” (BRASIL, 1998, p. 19), apontando que:

Considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos¹³⁶ do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. (BRASIL, 1998, p. 19).

A criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem como objetivo assegurar que todos os estudantes, independentemente de sua localização geográfica, origem social ou tipo de instituição de ensino, tenham acesso a um

conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades. A BNCC visa reduzir as disparidades educacionais existentes no Brasil e elevar a qualidade do ensino em todo o país.

Esse documento normativo desempenha um papel crucial nos contextos escolares, representando uma política governamental que deve ser implementada no dia a dia das escolas. Ele tem relevância significativa na prática dos professores e nos processos de aprendizagem dos alunos.

A BNCC mantém diversos princípios adotados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), incluindo a ênfase na centralidade do texto e dos gêneros textuais. Na BNCC, a disciplina de língua portuguesa tem como foco a formação dos alunos para os diversos usos da linguagem e para a participação crítica e criativa na sociedade.

Enquanto nos PCNs a disciplina era organizada em três blocos de conteúdo, a BNCC agrupa as habilidades em quatro práticas de linguagem distintas: Leitura, Produção de Textos, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica. A principal diferença está na introdução da análise semiótica, que aborda o estudo de textos em diversas linguagens, incluindo os meios digitais, como memes, gifs e conteúdo de criadores de conteúdo online.

Outra mudança importante é que a BNCC apresenta quadros que esclarecem a relação entre as práticas de uso e reflexão em cada um dos eixos, promovendo uma compreensão mais profunda de como podemos refletir sobre a língua e fortalecer nosso domínio sobre ela.

Uma das maiores inovações da BNCC em relação aos componentes curriculares é a introdução dos Campos de Atuação, que têm um papel fundamental na organização dos objetivos e habilidades a serem desenvolvidos ao longo de todo o Ensino Fundamental. Esses campos destacam a importância do protagonismo dos alunos, inclusive nos anos iniciais, enfatizando a necessidade de contextualizar as práticas de linguagem. Para isso, a BNCC leva em consideração os seguintes campos:

1. da vida cotidiana
2. da vida pública
3. das práticas de estudo e pesquisa
4. artístico/literário

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preserva muitos dos princípios previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sendo um deles a ênfase na relevância do texto e dos gêneros textuais. Isso implica que o ensino da língua portuguesa deve continuar a ser contextualizado, estando conectado com a aplicação prática da língua no contexto social. Nos PCNs, a abordagem da escrita era realizada considerando sua natureza discursiva, ou seja, como resultado da interação social. No entanto, a produção de textos era frequentemente abordada como um conteúdo predominantemente procedimental, exigindo uma metodologia específica para a aquisição desse "saber fazer".

Nos últimos anos, tem ocorrido diversas transformações no ensino da Língua Portuguesa. Gradualmente, o enfoque normativo da gramática tem cedido espaço para uma abordagem mais contextualizada da língua portuguesa, valorizando-a em todos os seus aspectos comunicativos. Uma das mudanças mais notáveis está relacionada à ênfase no texto e no contexto como unidades de ensino, como apontado por Santos (2007, p. 787). A língua escrita é que precisa ser monitorada, a língua falada precisa ser mais livre. A variedade linguística do território brasileiro precisa ser reconhecida em todos os espaços. Precisamos de uma gramática normativa, para que seja referência para as pessoas estudantes da língua possam esclarecer suas dúvidas. Nunca haverá um sistema de descrição da língua, porque a língua é bem diversa. Quanto mais estudamos o português mais precisamos conhecer.

A angústia que os professores sentem sobre como ensinar gramática é um movimento que está a acontecer, é o ponto da mudança, em que o saber linguístico passa a ser objeto de estudo dos professores para desenvolverem nos processos de ensinar e aprender no espaço escolar.

Para a educação linguística se valer dos conhecimentos científicos e chegar aos sistemas educacionais é necessária uma política educacional. A BNCC começa a ser um norteador para o ensino no Brasil, que pode direcionar o professor a sair dessa predominância gramatical nas escolas.

*“...Subi a porta e fechei a escada.
Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.*

*Desliguei a cama e deitei-me a luz
Tudo porque
Ele me deu um beijo de boa noite...*
Anônimo

Esse texto é fabuloso. Seria esse texto incoerente? É possível descobrir nele alguma ponta de sentido? É possível recuperar alguma unidade de sentido? Serve para dizer alguma coisa? Se serve, como encarar o fato de que as palavras estão numa organização linear que resulta sem sentido?

O propósito do texto, Antunes (PARABOLA EDITORIAL,2020) é romper com essa estrutura linear do texto, para significar que o amor, também nos tira do previsível e da normalidade. Onde os padrões não se mantêm, onde as coisas não são exatamente as coisas. A coerência está na falta de sentido. Não procure lógica, sequencia cronológica nas experiências amorosas.

À medida que exploramos as dimensões da língua e da linguagem, descobrimos quantas coisas a mais podemos aprender, estudar. As questões da linguística precisam estar na escola. A escola não pode fechar as possibilidades de aprendizagem da língua, o mundo maravilhoso da linguagem.

A redução da questão linguística as questões de sintaxe ou de morfologia, deixa de lado muita coisa que tem muito mais relevância no ensino da língua. Essa forma de ensinar não nos deixa ver muitas coisas relacionadas a língua, é um estudo que impede que nós aprendamos a função da linguagem, as funções sociais, culturais e constitutivas dos sujeitos. A linguagem é muito mais que uma gramática ou um conjunto de regras, e muito mais que um conjunto de regras “certas” ou “erradas”.

Parece pertinente uma reflexão em que seja explicitado pressupostos teóricos que desde a perspectiva textual discursiva possam subsidiar a discriminação das competências básicas pretendidas pelo ensino de línguas, e no caso que envolva o conhecimento do léxico, da gramática e do conhecimento enciclopédico. Além da experiência frequente da produção e da recepção de gêneros textuais, orais e escritos.

Por exemplo, com relação ao léxico, como os professores não perder de vista a pretensão social de estabelecer um diálogo entre teoria e prática. Como desenvolvendo na escola uma teoria sobre o léxico, como chegar a atividades e práticas pedagógicas relevantes, que de fato sejam consistentes.

Abordar alguns princípios teóricos relevantes para a questão do léxico e como traduzir em ações didáticas os conceitos sobre léxico. Sempre buscar chegar à prática de sala de aula. Tornar a prática pedagógica mais relevante.

O léxico constitui um componente intrínseco de sistemas linguísticos. Uma língua comporta necessariamente, um léxico, um acervo de palavra, um conjunto de palavras da qual o usuário da língua utiliza para satisfazer as suas mais variadas necessidades de interação. Não existe língua sem léxico, então esse pode ser definido como parte constitutiva da língua.

A história do ensino de línguas, sempre revelou correlação com as perspectivas teóricas dominantes em relação a linguagem, isso fez com que tivéssemos um ensino de língua centrado no ensino de frases, criadas a propósito para exemplificar as diversas categorias imanentes a morfossintaxe da gramática.

Tivemos um ensino de língua sem usuários, sem um propósito comunicativo e finalizada em si mesmo. Uma língua proposta como uniforme e invariável cujo interesse maior era reconhecer sua nomenclatura. Isso é constatado a partir da análise da prática da maioria das escolas, sejam das redes públicas ou particulares de ensino.

As mudanças para uma concepção de língua funcionalista e interativa tem repercutido ainda que timidamente nos documentos oficiais de ensino. Hoje termos como: textualidade, oralidade, texto, discurso, interação contexto, pragmática, circulam com mais frequência, sobretudo no discurso teórico e em algumas das propostas institucionais de instâncias mais amplas.

A dimensão estática da língua é relativa. Quem manda na língua é o uso, são os falantes que fazem o uso da língua. A concepção funcionalista da linguagem e a consciência de sua dimensão discursiva, textual e comunicativa, favorece uma concepção bem mais ampla, embora em certo sentido, indefinível, instável e flexível.

Toda língua é por natureza flexível, instável, indefinida, porque depende do uso, depende dos falantes dessa língua.

5 CONCLUSÃO

O novo cenário para o ensino da Língua Portuguesa que se instala utiliza-se mais dos textos e dos contextos enquanto objetos de ensino e aprendizagem. Agora a tendência é falar em Gramática Contextualizada e/ou Análise Linguística, por meio das quais o tratamento dado aos conteúdos dessa disciplina passa a ser abordado a partir de situações reais de comunicação, o que leva para a sala de aula o ensino contextualizado da gramática.

O novo ensino de Língua Portuguesa apresenta agora uma abordagem mais contextualizada que inclui os termos gramaticais na situação comunicativa, a fala dos mais diversos atores sociais agora é incorporada por intermédio de inúmeros gêneros textuais escritos ou imagéticos, por meio de charges, tirinhas, quadrinhos, emoticons e tantos outros.

A Linguística contribuiu para uma nova compreensão do que é ensino de Língua Portuguesa. O que, por sua vez, ocasionou diversas alterações no objeto e, acima de tudo, na metodologia de ensino dessa disciplina, na medida em que a atenção está sendo direcionada para os aspectos discursivos da linguagem em prol do seu real sentido que é se comunicar.

A análise linguística, aos poucos vem conquistando os professores e incorporando ao trabalho docente. É inerente o fenômeno da variação linguística que acontece com a língua e pode ser compreendida através das variações regionais e da cultura.

A linguística propicia ao estudante a lidar com diferentes situações na língua, o que propicia o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para se tornarem reflexivos, críticos na leitura e escrita e preparados para a produção dos diversos gêneros textuais.

Ào professor cabe vencer a resistência de métodos tradicionais de ensino da Língua Portuguesa. E aproveitar todas as formas de contribuições da Linguística nesse processo de ensino da Língua.

A linguagem, assim como seus recursos expressivos podem ser incorporados por qualquer pessoa em qualquer fase da vida, mas quando se trata da reflexão sobre esses usos e da ampliação de domínios de linguagem para situações específicas de interação social, a intervenção formal e sistematizada no conhecimento que se tem sobre a língua é de fundamental importância.

O respeito ao conhecimento linguístico, ao falar do estudante em seu contexto, o que ele traz consigo é o ponto de partida para no espaço escolar o professor apresentar possibilidades de ampliação de sua competência comunicativa.

Como sempre expõe em seu livro *Aula de português – encontro e interação*, a Professora Irandé Antunes sobre o trabalho com os gêneros da oralidade em sala de aula. O ideal é que o professor trabalhe com a oralidade, com a escrita, com os usos da língua. Os usos são orais e escritos, e os usos são sempre textuais.

Ninguém usa a língua formando frases, a gente usa a língua compondo textos. Esses textos são conforme o contexto, orais ou escritos. Os gêneros orais tem diversas formas de ser trabalhado, em contextos, atividades. Por exemplo criar atividades de transmitir um recado, fazer uma apresentação de si mesmo. É interessante sempre para quem fala como para quem ouve. Saber falar e saber

ouvir. Desenvolver essas habilidades. Como conversar, o cuidado com as palavras, a inserção de todos no contexto da fala. Uma escuta ativa, para a partir dela dialogar com o outro. Tudo adequado a faixa etária e ao ciclo do aluno. Sempre na ausência do foco do “certo” e “errado”.

Não há necessidade de estabelecer fronteiras muito rígidas entre as coisas. A preocupação com a fala é com a interação, a comunicação. É possível trabalhar um ensino que coloque a gramática como um pano de fundo. É necessário ver a língua no seu todo.

A língua não é apenas gramática. Se o professor se limita as questões gramaticais, ele está sendo parcial, não incluindo a língua em sua totalidade. É necessário incluir o léxico, incluir questões sociais, funções da linguagem, finalidade da linguagem, componentes da textualidade, compreensão das regularidades em um texto. Tem muito para se estudar no estudo da língua além da gramática. Qualquer estudo da gramática tem relevância se o professor colocar esse estudo em função da interação, do sentido e da finalidade da linguagem.

É interessante que os pesquisadores possam ver, ainda que de vez em quando as atividades que acontecem nas escolas. As atividades de linguagem, as atividades que envolvem leitura de textos, muitas vezes essas atividades se restringem a classificação da classe de palavras. A definição da primazia do texto e das competências comunicativas ainda não tem sido suficientes para deixar o professor em condições de prover seus cursos com a eficácia que se espera. Ainda falta muito, por diversas razões, para essas concepções funcionalistas da língua entrar para a sala de aula e lá se instalar à vontade.

O Brasil ainda carece de uma política séria, efetiva, consistente, que imponha como prioridade a Educação e com ela todos os detalhes que fazem a vida da escola e dos processos de ensino e de aprendizagem vividos pelos professores e alunos.

6 RECOMENDAÇÕES

As práticas de linguagem contemporâneas, do componente de Língua Portuguesa na BNCC considera novos gêneros e textos multissemióticos e multimidiáticos, e, também, novas formas de produzir, de configurar, de replicar e de interagir. Isso, demanda atenção para as formas de ensinar, pois, ao mesmo tempo, são objeto e estratégia para a aprendizagem na BNCC.

A BNCC não define quais técnicas e métodos os professores devem aplicar, estes tem liberdade e autonomia para decidirem sobre como ensinar. A grande novidade é o professor atuar na pesquisa, a leitura na prática, colocar em sala de aula os gêneros textuais.

O professor, portanto, é uma ferramenta importante para desconstruir a ideia velada do linguisticamente correto. Precisamos, acima de tudo, reconhecer a diversidade linguística presente em nosso país. Através da escola vão se construindo os conhecimentos sobre adequação linguística o que vem a contribuir

para o fim do preconceito linguístico. O preconceito linguístico faz com que os indivíduos se sintam intimidados.

Ao identificar a variação linguística na escrita de um aluno, e explicar que a sua construção não é errada e também ao mesmo tempo trabalhar a norma padrão, a escrita formal que ele vai encontrar em futuros exames. Porque eles têm o direito de conhecer a norma padrão.

Ao identificar a variação linguística na escrita de um aluno, e explicar que a sua construção não é errada e também ao mesmo tempo trabalhar a norma padrão, a escrita formal que ele vai encontrar em futuros exames. Porque eles têm o direito de conhecer a norma padrão.

É importante que o professor saiba separar a escrita da ortografia. A ortografia é uma lei, uma forma de organização da língua. Portanto, não pode ter palavras com a ortografia incorreta, a ortografia a pontuação, são aspectos que devem sempre ser corrigidos

É importante trabalhar na vertente de adaptação linguística, auxiliando os estudantes aprendizes a identificarem qual situação se encontram para fazerem o melhor uso de sua língua, seja na norma padrão culta ou coloquial.

A escrita, no entanto, como produção textual, não existe como algo fechado, ela se manifesta em diferentes gêneros textuais. É interessante observar se a escrita do aluno está adequada ao gênero que ele escolheu.

Quando solicitamos, como professor(a), uma produção textual, temos que ter uma ideia de qual gênero estamos solicitando, quem será o leitor daquele texto. Desde os anos 90, já temos várias produções textuais que trata da questão do gênero, do conceito de gênero textual e sua aplicação no ensino. A variação linguística e o gênero textual andam agarradinhos, e o professor precisa trabalhar com essas duas noções.

Preconceito intimida, cala, exclui, e a exigência da norma culta em todos os momentos sociais discrimina e desvaloriza a história de cada indivíduo. a língua é considerada um objeto histórico, possível de transformações e acompanha a

evolução da humanidade em um espaço-tempo, portanto, se modifica no tempo e se diversifica no espaço.

Linguagem adequada e linguagem inadequada, para quem? Vivemos em uma sociedade extremamente hierarquizada, é interessante saber o porquê, a pessoa pode usar a sua variedade linguística justamente para ser diferente, e ela pode querer ser diferente e não ter nenhum interesse em se adequar. Preconceito com a linguagem de grupos, preconceito linguístico deve ser evitado, a hierarquia social privilegia alguns grupos e marginaliza outros. A pessoa e seu grupo social é que objeto de preconceito. Variação linguística é um fenômeno e variedades linguísticas é que são as diversas maneiras de falar de diversos grupos.

Existe uma diferença , um espaço entre o plano da aula, os documentos, as leis, que é o denominado de agir prescrito. Uma coisa é a vontade, intenção e o planejamento do professor e a outra coisa é a sala de aula na real. As condições de trabalho do professor. A BNCC trás o gênero oral, o multimodal e numa proposta excelente.

Antunes (2003) demonstra muitos pontos negativos das atividades pedagógicas, reconhecendo que os professores têm se esforçado bastante para trazer à escola mais qualidade e êxito no ensino, porém muitos aspectos devem ser revistos e melhorados.

O grande desafio está localizado em dois pontos, quais sejam, na formação do professor e nas condições de trabalho do professor. Precisamos conhecer melhor o documento oficial, adaptar as condições reais e buscar sempre a melhoria, mesmo com as dificuldades desse Brasil enorme.

Irané Antunes (2003), apresenta um ensino de língua ainda arcaico, focalizando nas melhorias que podem ser realizadas, fazendo com que seus leitores – acadêmicos e professores – reflitam sobre a maneira com que a língua é ensinada e questionem-se a si mesmos sobre qual a melhor maneira de ensinar.

Ao professor incumbe mostrar ao estudante que a forma padrão que é

ensinada na escola não é a única existente ou conhecida e nem portanto a única forma de se comunicar.

De acordo com Irandé Antunes (2003) é importante tirar do pensamento a ideia de que a fala sempre estará errada e a escrita sempre estará certa.

A escrita dos alunos precisa ter objetivos e destinatários para seus textos. É necessário um planejamento e tempo para a produção de seus textos, da leitura, na qual é de extrema importância trabalhar com gêneros em que os alunos se identifiquem e diversos gêneros. A gramática que pode sim ser trabalhada precisa estar de acordo com o contexto que insere a realidade do aluno.

Quanto ao predomínio de um tipo de linguagem, é evidente que, o domínio de classes sociais, umas sobre as outras, está arraigado a fatores como poder econômico e político e exercem influências no predomínio de uma linguagem. É importante no espaço escolar a abordagem do preconceito linguístico, pois aqui estaremos contribuindo para uma melhor formação e cidadania.

Na educação linguística nós temos que possibilitar as pessoas o conhecimento das normas de prestígio, da norma culta, da norma padrão, mas não com intensão que ela vai usar, achar a coisa mais certa do mundo. É direito do aluno conhecer, mas usar ou não vai depender da pessoa e não se adequar para ficar igual.

A nossa gramática tradicional não auxilia os professores a abordarem o tema, por isso é importante que professores e estudantes reconheçam as variações linguística e que todas as falas sejam respeitadas.

A ensino da gramática tradicional ainda é uma questão discutida. O problema é não confundir que a pessoa não vai aprender a língua se não aprender a nomenclatura. Não é problema ensinar a gramática, o problema é achar que sem a gramática não se aprende a língua. E não ser excessivo demais, para não cair no que o estudante chama de difícil. É interessante trabalhar termos gerais.

É importante o papel e atuação do professor em sala de aula, sobretudo à disciplina de Língua Portuguesa. E um dos principais propósitos dos estudiosos

sociolinguistas brasileiros, direciona-se a explicação das diferentes formas de pronúncias existentes no Brasil, as quais se defrontam com a norma culta. torna-se imprescindivelmente, o desenrolar de cada professor em seu contexto educacional.

A variação linguística do português do Brasil, com as suas peculiaridades pertinentes a cada região desse território imenso que é o Estado brasileiro é muito relevante aos estudos da linguagem e quando se trata de educação, ensino e aprendizagem da língua materna de acordo como o contexto dos falantes, o português brasileiro padrão também deve ser considerado, mesmo que só exigido em uma pequena fração da sociedade brasileira, que acaba sendo uma classe dominante de um todo.

Aula e que os estudantes não sejam hostilizados por sua variação linguística. Que a rica variedade linguística do Brasil seja sempre valorizada. E assim como dispõe Gomes (2007, p. 65), podemos concluir que "uma vez não reconhecida a diversidade linguística no Brasil, as pessoas que falam uma variedade desprestigiada são frequentemente vítimas de discriminação". Que o planejamento seja inclusivo, que não haja segregação em sala de

É importante dar ares de modernidade ao ensino de gramática, de forma a atrair o aluno e desenvolver o gosto por aprender, levar o aluno a compreender e perceber a norma culta, o fato gramatical, o porquê do uso das regras gramaticais e a importância de utilizar a norma culta e não a variante desprestigiada.

É interessante uma gramática pedagógica utilizada pelo professor no seu processo de formação contínua. Uma formação para o professor que mostre como a língua é formada e como acontece na língua.

No trabalho do professor é importante ouvir os alunos, recolher seus alunos para conhecer a sua escrita, trabalhar sempre com o texto dos alunos para que os resultados da produção de conhecimento sejam eficientes, são textos autênticos e ferramentas necessárias para que os estudantes se envolvam com a aprendizagem.

Os professores, difundindo conhecimento sobre variação linguística e preconceito linguístico, certamente auxiliam os alunos, que muitas vezes são

vítimas desse preconceito no ambiente escolar e fora dele.

É fundamental atualizar o ensino de gramática para torná-lo mais atrativo aos alunos, despertando neles o gosto pelo aprendizado. Isso implica não apenas ensinar as regras gramaticais, mas também capacitar os alunos a compreender a norma culta, entender o motivo por trás do uso dessas regras e reconhecer a importância de empregar a variante culta em diferentes contextos. Ao adotar uma abordagem pedagógica moderna, o professor desempenha um papel essencial em orientar os alunos nessa jornada de descoberta linguística.

A formação contínua do professor desempenha um papel crucial no processo de modernização do ensino de gramática. Essa formação deve abordar não apenas o conteúdo gramatical, mas também proporcionar uma compreensão profunda de como a língua se forma e evolui. Ao estar bem preparado, o professor pode transmitir esse conhecimento de maneira eficaz aos alunos, tornando a aprendizagem da língua mais envolvente e significativa.

Ouvir os alunos e analisar suas produções textuais é uma estratégia poderosa para o professor. Ao trabalhar com os textos autênticos dos alunos, o professor promove uma aprendizagem mais eficaz, permitindo que os estudantes se envolvam ativamente com o processo de construção do conhecimento. Além disso, ao abordar temas como variação linguística e preconceito linguístico, os professores desempenham um papel fundamental na sensibilização dos alunos para as questões de discriminação linguística, ajudando a combater o preconceito no ambiente escolar e na sociedade em geral.

REFERENCIAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDRÉ, M.E.D.A. Etnografia da prática escolar. 4. ed. Campinas: Papirus, 1995.

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ANTUNES, Irandé. **A língua e a identidade cultural de um povo.** In: _____. Língua, texto e ensino: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

AZEVEDO, T. M. de; ROWELL, V. M. Problematização e ensino de língua materna. In: RAMOS, F. B.; PAVIANI, J. (org.). O professor, a escola e a educação. Caxias do Sul: Educus, 2010. p. 211-230.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 47ª ed., 1999.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** 56ª. Ed. São Paulo: Parábola, 2015.

BARBOSA, D....Alves da Silva; LIMA, Francisco Renato. **Ensino de Gramática na Educação Básica: um olhar reflexivo sobre as abordagens metodológicas em sala de aula.** In Cadernos Cajuína, V.6, N.3, 2021. Disponível em: [ENSINO DE GRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE AS ABORDAGENS METODOLÓGICAS EM SALA DE AULA | Lima | Cadernos Cajuína \(cadernoscajuina.pro.br\)](https://www.cadernoscajuina.pro.br) Acesso em 01/05/2023.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo.* São Paulo: Edições 70. 2011.

BORGES NETO, José. Morfologia: conceitos e métodos. In: LIMA, M.A.F.; ALVES FILHO, F.; MENDES DA COSTA, C.S.S. (orgs) Colóquios Linguísticos e Literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos. Teresina: EDUFPI, 2011.

BORGES NETO, José. Gramática tradicional e linguística contemporânea: continuidade ou ruptura? *Todas as Letras* 14(1), São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012a.

BORGES NETO, José. Flexão e Derivação: será que os tratamentos dados a esta distinção não adotam uma perspectiva enviesada? *Cadernos de Estudos Linguísticos* 54(2), Campinas: IEL/Unicamp, 2012b

BORGES NETO, José. Ensinar gramática na escola? *ReVel*, edição especial, n. 7. p. 68-83, 2013. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/e5c43b98325ed8dae986eca642e5c3d2.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2023.

BORTONI-RICARDO, S. M. A língua portuguesa no Brasil; Um modelo para a análise sociolinguística do português brasileiro. In: *___ Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e Educação.* São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 31-52.

BORTONI-RICARDO, S.M. Heterogeneidade linguística e o ensino da língua: o paradoxo da escola. In: *Nos chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação.* São Paulo: Parábola, 2005. P. 13-17.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 27 de ago 2023.

CÂMARA, R. H. Análise de Conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179- 191, jul./dez. 2013

CASTILHO, A. T. 2008. Gramática do Português Culto Falado no Brasil, vol. II. Campinas: Editora da Unicamp.

CHOMSKY, Noam; Entrevista. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/2020/01/10/entrevista-com-noam-chomsky/>- Acesso em 27 ago 2023.

CHOMSKY, N. The aspects of theory of syntax. Cambridge: MIT Press, 1965.

COSTA, Mila Batista Leite Corrêa da. As relações de trabalho, a máquina e o fato. **Rev. Trib. Reg. Trab. 3ª Reg.**, Belo Horizonte, v. 51, n. 81, p. 91-105, jan./jun., 2010.

DELVAL, J. Aprender investigando. In: BECKER, F.; MARQUES, T. (org.). Ser professor é ser pesquisador. Porto Alegre: Mediação, 2007.

ERICKSON, F. What makes school ethnography “ethnographic”? *Anthropology and Education Quarterly*, v. 15, p. 51-66, 1984.

ERICKSON, F. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (Ed.). *Handbook of research on teaching*. 3. ed. New York: Macmillan Publishing Company, 1986, p.119-161.

FARACO, C. A. *Norma Culta brasileira – desatando alguns nós*. São Paulo; Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. *Gramática e Ensino – Revista Diadorim. Rio de Janeiro. R.19 v.2, p. 11-26, Jul – Dez 2017. Disponível em: [Gramática e Ensino | Faraco | Revista Diadorim \(ufrj.br\)](http://Gramática e Ensino | Faraco | Revista Diadorim (ufrj.br))*. Acesso em 06 maio de 2023.

Ferreira, M. C, & Mendes, A. M. (2007). Inventário sobre trabalho e riscos de adoecimento -*Itra*: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: A. M. Mendes (Org.), *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, método, pesquisas*(pp.111-126). São Paulo: Casa do Psicólogo 5.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática (1988). Reprod. em: _____. Mas o que é mesmo “Gramática”? São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 34-101.

Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp.64-89). Petrópolis: Vozes.

Glazier, J. D. & Powell, R.R. (2011) *Qualitative research in information management*. Englewood: Libraries Unlimited.

MASON, J. Qualitative researching. London: SAGE Publications, 1997.

MEHAN, H. Ethnography of bilingual education. In: TRUEBA, H. T.; GUTHRIE, G. P. ; AU, K.H.P. (Eds.). Culture and the bilingual classroom: studies in classroom ethnography. Rowley, MA: Newbury House, 1981, p. 36-55.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática: conhecimento e ensino. In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em debate**: conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 52-73.

NICOLAU DE PAULA, M.; CARVALHO, J. Forma E Função No Ensino De Gramática: A Noção De Sintagma Como Guia Da Definição De Classes Formais. **Percursos Linguísticos**, [S. l.], v. 12, n. 31, p. 261–281, 2022. DOI: 10.47456/pl.v12i31.38727. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/38727>. Acesso em: 1 abr. 2023.

O estudo do léxico em sala de aula. Parábola Editorial. Youtube 1 de set 2020. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QNU3ldYQKOM>>. Acesso em 14 de set 2023.

PILATI, Eloísa. Linguística, gramática e aprendizagem ativa. Campinas: Pontes, 2017.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; QUAREZEMIN, Sandra. *Gramáticas na escola*. Petrópolis: Vozes, 2016.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP:

Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2ª ed. 2012. (Coleção Leituras no Brasil).

POSSENTI, Sírio. O ensino de língua portuguesa na educação básica: Ensinar ou não gramática – Entrevista. Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística do Curso de Letras da Faculdade de Tecnologia IPUC – FATIPUC. Canoas/RS, Volume 1, Número 1, janeiro / junho de 2013

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/Inostra/article/view/13338/7993>

Acesso em 27 ago 2023.

POZO, J. I. Aprendizizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POZO, J. I. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. Revista Pátio, Porto Alegre, v. 8, p. 34-36, ago./out. 2004. Disponível em: <file:///D:/Users/USER/Downloads/12098-Texto%20do%20artigo-51517-55684-10-20200423.pdf> Acesso em: 22 maio 2023

Preconceito linguístico que tal revisitar?. Parábola Editorial. Youtube 30 de set 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1lfcB3whhY> Acesso em 14 de set 2023.

SANTOS, C.F. O ensino da leitura e a formação em serviço do professor. Revista Teias, Rio de Janeiro/ RJ, ano 3, v. 05, n. jan/jun, p. 29-34, 2002;

SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRAVAGLIA, L. C. Na trilha da gramática: conhecimento linguístico na alfabetização e letramento. São Paulo: Cortez, 2013 (Coleção Biblioteca Básica de Alfabetização e Letramento).

SOUZA, E. M. F. A aula de português como instância de produção e circulação de conhecimentos linguísticos e não linguísticos. In: SOUZA, E. M. F.; CRUZ, G. F. (Orgs.) Linguagem e ensino: elementos para reflexão nas aulas de língua inglesa e língua portuguesa. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2009, p. 97-112.

WATSON-GECEO, K.A. Ethnography in ESL: defining the Essentials. TESOL Quarterly, 1988, p. 575-592.



APÊNDICE A- OFÍCIO DE ENCAMINHAMENTO/SOLICITAÇÃO – PESQUISA DE CAMPO

Prezado (a) Senhor (a),

Solicitamos autorização junto a esta instituição, para a realização de pesquisa científica no "Instituto Educacional Guido IEG", a doutoranda: DIANE ELIAS ROCHA E SILVA, identidade: 1938136 – ES, sob o Tema: **GRAMÁTICA E DIVERSIDADE LINGUISTICA: A GRAMÁTICA NORMATIVA E A DINÂMICA DA FALA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**. A doutoranda encontra-se na etapa final para a conclusão de sua Tese, Defesa e Certificação do curso de Doutorado em Ciências da Educação (*Stricto Sensu*) compreendendo 12 meses de pesquisa de campo teórico-metodológica e especializada, tendo participado ativamente do programa, de Doutorado com excelente desempenho acadêmico. A certificação se dará pela FACULTAD INTERAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES.

Antecipo agradecimentos e coloco-me à disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas a respeito desta pesquisa.

Atenciosamente,

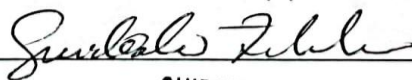
-Prof. Dr. Orientador-FICS: Marciel Costa de Oliveira.

Contato: (92)93378943

-Prof. Doutoranda e pesquisadora, Senhor (a): Diane Elias Rocha e Silva

Contato: (27)988565821 – E-mail: dianeelias2009@hotmail.com

Gestor (a) da Escola:



**GUIDOELIER ZALDIVAR
DIRETOR - IEG**




Prof. Dr. Marciel Costa



APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **GRAMÁTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA: A GRAMÁTICA NORMATIVA E A DINÂMICA DA FALA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.**

A JUSTIFICATIVA, OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS:

A Língua Portuguesa Formal Padrão é o meio oficial para que todos os lugares que a tenham como língua possam se comunicar. Porém, as particularidades regionais que a Língua Portuguesa sofre em um determinado local precisam ser bem observadas, pois fazem parte do contexto educacional, histórico, linguístico e cultural do Brasil. O objetivo é levantar informações e promover uma posterior discussão sobre pontos que contribuirão com o norte da pesquisa, permitindo não apenas identificar as peculiaridades do ensino da língua padrão, mas também a dinâmica da fala que por vez dificulta o ensino de Língua Portuguesa desses alunos. Também identificar e explorar as estratégias de aprendizagem utilizadas na intervenção docente, para tornar mais eficaz a aprendizagem da leitura, escrita e interpretação, na condição de observadora do processo de planejamento.

DESCONFORTOS E RISCOS E BENEFÍCIOS: não deverão ser subestimados os riscos e desconfortos, mesmo que sejam mínimos.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: os participantes responderão um questionário estruturado com 10 questões para doutoranda Diane Elias Rocha e Silva, onde não há necessidade de identificação.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO, LIBERDADE DE RECUSA E GARANTIA DE SIGILO: Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua


Prof. Dr. Marciel Costa

participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Curso de Mestrado em Neurociências da Facultad de Ciencias Sociales Interamericana.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS: A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional em caso de haver gastos de tempo, transporte.

DECLARAÇÃO DA PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPANTE: Professores e alunos.

Eu, _____ fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas, conforme recomendações da Comissão do Comitê Interamericano de Ética em Pesquisa da Facultad Interamericana de Ciencias Sociales. (CEIP)

Assinatura do Participante: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do Pesquisador: _____

Contato do pesquisador: (27)988565821



Prof. Dr. Marciel Costa
 Prof. Dr. Marciel Costa

APÊNDICE C**QUESTIONÁRIO DO ESTUDANTE**

01) Qual a série você está cursando?

02) Para você, o que é a língua portuguesa?

03) Você acha importante o estudo da língua portuguesa? Por que?

04) A linguagem falada espontaneamente é diferente da língua portuguesa padrão ensinada na escola? Explique.

05) Se você fosse estudar em outra cidade agora você acha que as pessoas vão estranhar o seu jeito de falar?

06) Você acredita que há variação linguística na Língua portuguesa?

() Sim. () não. () poucas vezes. () muitas vezes.

07) Você já ouviu falar sobre preconceito linguístico?

() Sim. () não. () poucas vezes. () muitas vezes.

08) Você acredita que já sofreu algum preconceito linguístico em sala de aula?

() Sim. () não. () poucas vezes. () muitas vezes.

Nome:

Assinatura: